

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Curso de Teatro - Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

A arte da performance na educação:

Um relato e uma proposta no ensino de Artes

Athila Cassuriaga

Pelotas, 2018

Athila Cassuriaga

A arte da performance na educação:

Um relato e uma proposta no ensino de Artes

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Teatro – Licenciatura, do Centro de Artes da UFPel, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Dias

Pelotas, 2018

Athila Cassuriaga

A arte da performance na educação: Um relato e uma proposta no ensino de Artes

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 07 de dezembro de 2018

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Gustavo Dias (Orientador)

.....
Prof. Me. Davi Giordano

.....
Prof.^a Me. Lindsay Gianoukas

Agradecimentos

Vivemos num contexto em que a demonstração de gratidão encontra-se desencorajada. Passamos por diversas experiências no decorrer de uma pesquisa e pouco paramos para analisar e agradecer todos aqueles envolvidos que permitiram o trabalho acontecer. A formulação de agradecimentos num Trabalho de Conclusão de Curso é um ótimo exercício de alinhar pesquisa com senso coletivo. Aproveito este momento para expor minha gratidão.

Para desenvolver e apresentar esta pesquisa, não poderia deixar de agradecer, em primeiro lugar, a meu orientador Gustavo Dias, que se demonstrou interessado na temática desde o princípio, acreditando na causa junto comigo e percorrendo ao meu lado todo este caminho. Obrigado, Gustavo.

Quero agradecer carinhosamente à professora Vanessa, minha orientadora de estágio que sempre se mostrou muito disponível às minhas propostas intuitivas e acreditou no potencial da pesquisa me incentivando sempre a desenvolver a arte da performance dentro do âmbito escolar. Obrigado, querida Vanessa.

A toda a equipe da *Escola Sylvia Mello*: direção, secretaria, sala da merenda, coordenação pedagógica, dentre outros. Sempre fui recebido de braços abertos com a oferta de espaços, materiais, condições gerais para que a experiência ocorresse. Destaco também a professora responsável pela turma Silvana Castro, a coordenadora Adalgisa Pontes, e a eficiente secretária Beatriz. Obrigado, *Escola Sylvia Mello*.

Quero agradecer também à toda *Turma 1003* que, no início me recebeu com espanto, porém, ao decorrer do processo entregaram-se e se dispuseram a desenvolver uma das mais incríveis experiências da minha vida. Meu especial obrigado!

É de fundamental importância deixar meu agradecimento à amiga e colega Laís Souza que sempre acreditou e apoiou meus projetos performáticos desde o início do *Grupo Opinião*. Sem esta colega não poderia desenvolver as aulas de *re-enactments*¹ dentro de meu estágio. Laís, obrigado por todo companheirismo.

¹ *Re-enactment* é um termo performático designado para a reprodução de uma performance já feita. Entende-se que a performance ocorre uma vez só, no aqui e agora e, a sua reprodução em outro tempo tem outro efeito relacional. Sendo assim, a reprodução de uma performance é entendida como um *re-enactment*.

Quero deixar frisado meu agradecimento àquele que chamo de meu 'guru' na arte da performance, meu grande amigo e eterno professor Davi Giordano. Foi este professor-artista que fomentou meu interesse prático pela linguagem e me estimulou com uma série de referências e materiais teóricos para que pudesse explicar minhas reflexões, justificativas e pesquisas. Minha eterna gratidão, meu guru.

Não poderia deixar de agradecer também à minha mãe Chiara. Sem ela apoiando-me de diversas formas eu jamais poderia desenvolver, não só a pesquisa, mas toda a minha formação acadêmica. Deixo, também, meu agradecimento a minha vó Silvia e minhas bisavós Beca e Zizinha. Tenho muito orgulho e gratidão a esta família de quatro mulheres e um artista.

Necessito, sem dúvidas, deixar também meu infinito agradecimento à pessoa que desenvolveu meus potenciais estético-cognitivos desde criança, deixando-me um enorme capital cultural: tia Laura. Sem ela não seria um artista tão alimentado. Muito obrigado a todas e todos.

“A função do artista em uma sociedade perturbada é dar consciência do universo, fazer as perguntas certas e elevar a mente.”

(Marina Abramovic)

Resumo

CASSURIAGA, Athila. **A arte da performance na educação**: um relato e uma proposta no Ensino de Artes. 2018. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Teatro – Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Este trabalho tem como objetivo debater a importância da prática da Arte da Performance na Educação Básica dentro do campo de ensino de Artes e suas possibilidades nos processos de aprendizagem e desenvolvimento artístico-cognitivo. Para tanto, realizo um estudo teórico a partir de fontes que expõem e problematizam a performance como linguagem artística e a relação com os modelos para a área de Artes encontrados nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, no *Referencial Curricular Lições do Rio Grande*, nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* e na *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Parto de um relato de experiência resultante do desenvolvimento de práticas de performance em aulas de Teatro através da atividade de Estágio com base no ensino de Artes, refletindo assim sobre suas potencialidades e possibilidades pedagógicas. Diante da ainda necessidade de mais relatos de trabalhos com performance na escola e da carência teórica desta linguagem como pedagogia, em contrapartida com as diversas manifestações de arte contemporânea, a pesquisa propõe um plano básico que resulta em uma metodologia própria de trabalho com esta linguagem na escola.

Palavras-chave: Arte da Performance; Educação; Ensino de Artes; Teatro.

Abstract

CASSURIAGA, Athila. **Performance art in education: an account and a proposal in the teaching of arts**. 2018. 63 f. Final paper. Theater degree course, Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

This work aims to discuss the relevance of the practice of the Performance Art through the Basic Education within the field of Arts teaching. It exposes how this crossing works enlarging possibilities of learning and developing artistic-cognitive processes. To do so, I present a theoretical study from sources that expose and problematize performance art as an artistic language relating to the models for the Teaching of Arts field found in documents as the Parâmetros Curriculares Nacionais ('National Curriculum Parameters'), the Referencial Curricular Lições do Rio Grande ('Curriculum Reference Lessons of Rio Grande'), the Orientações Curriculares para o Ensino Médio ('Curricular Guidelines for the Secondary Education and in the Law of Guidelines and Bases of Education'). I present a report about my practice crossing performance art actions in Theater classes along my teaching internship. Then, I observe the potentialities and pedagogical possibilities of the practices of performance art in the scholar contexts. Confronting the scarcity of reports that look on a work with performance in the school and the lack of theoretical material about this language as pedagogy, in contrast with many manifestations of contemporary art, I felt inspired to investigate this theme and to propose a basic plan that results itself in a methodology of work with this language in school.

Keywords: Performance Art, Education, Art Education, Theater.

Lista de figuras

Imagem 1: Performance <i>Somos Responsáveis</i> desenvolvida em oficina na disciplina <i>Arte e Loucura</i> ministrada pelo professor Ney Bruck (FONTE: Acervo pessoal).....	19
Imagem 2: Jogo 'quem está propondo o movimento?', desenvolvido na segunda aula (FONTE: acervo pessoal).....	36
Imagem 3: Quarta aula. 'Performance dos Segredos'. Re-enactment como prática pedagógica. Performance criada por Verônica Díaz e desenvolvida por Laís Souza (FONTE: acervo pessoal).....	38
Imagem 4: <i>Performance dos Medos</i> . Criada coletivamente pela turma na <i>Produção de performances I</i> e desenvolvida pela aluna/performer Agnes Peres de Oliveira (FONTE: acervo pessoal).....	40
Imagem 5: <i>Performance das Felicidades</i> . Criada coletivamente pela turma na <i>Produção de performances I</i> e desenvolvida pela aluna/performer Amanda Rocha (FONTE: acervo pessoal).....	40
Imagem 6: <i>Performance dos Medos</i> e <i>Performance das Felicidades</i> acontecendo juntas, conforme acordado na quinta aula (FONTE: acervo pessoal).	41
Imagem 7: Primeira performance da Aula 9 - <i>Re-enactments 2</i> – <i>Treinuaçãoção</i> (FONTE: acervo pessoal).....	44
Imagem 8: Segunda performance da Aula 9 - <i>Re-enactments 2</i> - <i>Somos Responsáveis</i> (FONTE: acervo pessoal).....	45
Imagem 9: Terceira performance da Aula 9 - <i>Re-enactments 2</i> - <i>O artista está presente</i> (FONTE: acervo pessoal).	45
Imagem 10: Quarta performance da Aula 9 - <i>Re-enactments 2</i> - <i>A artista deve ser bonita. A arte deve ser bonita</i> (FONTE: acervo pessoal)	46
Imagem 11: Quinta e última performance da Aula 9 - <i>Re-enactments 2</i> : <i>Nosso amor está à venda</i> (FONTE: acervo pessoal)	46
Imagem 12: Registro feito no final da aula, eu ainda vestido como travesti prostituta e algumas pessoas da turma que ficaram na quadra me fazendo diversas indagações (FONTE: acervo pessoal).....	47
Imagem 13: alunas confeccionando um figurino de <i>Oxum</i> , orixá da cultura africana, para apresentar sua performance <i>Religião</i> na aula 12 (FONTE: acervo pessoal). ..	48
Imagem 14: alunas desenvolvendo a performance <i>Religião</i> junto à representação da orixá <i>Oxum</i> (FONTE: acervo pessoal).....	49

Sumário

Introdução.....	1
1. O que é arte da performance?.....	15
2. Por que a arte da performance na educação?	23
3. <i>Plano de Ensino Opinião</i> : uma proposta performática de aula de Teatro	32
4. Minhas reflexões e propostas.....	52
Considerações Finais	58
Referências	60
Apêndices.....	62

Introdução

Este trabalho tem como objetivo debater a importância da prática da arte da performance na Educação Básica dentro do ensino de Artes e suas possibilidades nos processos de aprendizagem e desenvolvimento artístico-cognitivo. Para tanto, realizo um estudo teórico a partir de fontes que expõem e problematizam a performance como linguagem artística e relaciono esta com os modelos para a área de Artes encontradas nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), nas *Lições do Rio Grande*, nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (OCEM) e na *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* (LDB). Parto de um relato de experiência resultante de um desenvolvimento de práticas de performance em aulas de Teatro no ensino de Artes, refletindo assim sobre suas potencialidades e possibilidades pedagógicas.

Além de debater a importância dessa prática na escola e suas possibilidades nos processos artístico-cognitivos, busco também realizar um estudo teórico a partir de fontes da educação e das artes e relatar uma experiência de estágio no ensino de Artes, além de propor ideias a outros professores, não só para trabalharem com a linguagem, mas também, para estimular que eles possam fazer uso dos potenciais artísticos contemporâneos na educação e em possíveis planejamentos e métodos intuitivos.

Diante da necessidade de estimular que mais trabalhos com arte da performance sejam desenvolvidos em âmbitos escolares e da importância teórica desta linguagem como pedagogia, em diálogo com as diversas propostas de arte contemporânea, senti-me inspirado em pesquisar e propor uma Plano Básico de Trabalho com esta linguagem na escola. Esta pesquisa se propõe investigar a performance em dois níveis: primeiramente enquanto conteúdo teatral; e também como linguagem própria que dialoga com outros conteúdos teatrais como expressões corporal e vocal, improvisação, dramatização, interpretação e estética. Sendo assim, proponho uma reflexão sobre um programa de aulas de teatro que aposta na provocação, na remodelagem, na experiência real, na troca de afetos, numa diluição de fronteiras entre a arte e a vida e, acima de tudo, na capacidade de autonomia de opinião. Acredito no potencial da performance para gerar posicionamento, crítica, questionamento, contestação. Pode até ser possível manter-se distante do posicionamento sem envolver-se diretamente na obra, mas reflito ser

impossível não posicionar-se se envolvendo com esta arte. Por isso intitulei meu *Plano de Ensino* como *Opinião*.

Estas práticas foram pensadas numa estrutura composta por aquecimentos performáticos, *re-enactments*² de performance como práticas pedagógicas, produções de performance e reflexões dos trabalhos desenvolvidos, sempre buscando as temáticas nos próprios alunos por meio de jogos e obras performáticas relacionais que, além de levantar as temáticas, aproximam os alunos entre eles, o professor da turma e a turma da linguagem gerando possível envolvimento afetivo e engajamento social.

Conforme a LDB, nossa área de arte está composta pelas quatro linguagens: teatro, dança, artes visuais e música sendo assim, defendo que, diante desta ampla área, a arte da performance me parece muito adequada, afinal, é uma linguagem híbrida capaz de agregar todas as outras expressões artísticas. Além do mais, a arte da performance possibilita amplo fazer artístico nas diversas linguagens citadas nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), aprendendo a desvelar uma pluralidade de significados dentro de seus contextos histórico e político-social. Também inspirado nas indicações dos PCN procurei traçar diálogos racionais e emocionais interagindo com as realidades sócio-econômico-culturais dos alunos, explorando a dialética, a argumentação e reflexão. Segundo as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (OCEM), os elos que o aluno traça entre a cena e seu receptor é que são o cerne de contextualização (sócio-histórica, antropológica, estética, filosófica etc.) que favorece a aprendizagem significativa ou enlaçamento dos conteúdos de Artes com as demais disciplinas e a realidade. Por isso a proposta de performance busca trabalhar com a realidade da turma, as demandas e as problemáticas reais do coletivo. Assim como os PCN, o *Referencial Curricular Lições do Rio Grande* baseia-se na triangulação *produzir, receber, refletir*, só que com as nomenclaturas de *ler, escrever e resolver problemas*. Sendo assim, meu planejamento objetiva a capacidade de produzir, receber e refletir a arte da performance, dialogando com seu contexto histórico e político-social e interagindo com seu patrimônio cultural.

² Entende-se que a performance, por ser uma *cena-não-cena*, uma linguagem de ação do aqui e agora, não é possível de ser recriada, afinal as possibilidades de sua espontânea dramaturgia se dá pela interação com o próximo. Sendo assim, o termo *re-enactment* serve para denominar reproduções de performances já feitas, adaptando seu contexto e interpretação para a contemporaneidade, a fim de explorar novas relações políticas com o tempo, local e público onde está sendo recriada.

Como resultados, observei que o estágio foi coeso, a triangulação foi feita diversas vezes quando os alunos observavam e participavam de performances, além de produzir e refletir com formalidades da disciplina de Artes (avaliações, objetivos, métodos, dentre outras). O diálogo com as temáticas e contextos da turma se deu de forma mais profunda que o esperado, levantando problemas racionais e emocionais do grupo que atrapalhavam no andamento dos processos de aprendizagem. No contexto em que me insiro, considero de fundamental importância a pesquisa da arte da performance na educação: de oitenta e dois egressos das seis primeiras turmas do curso de Teatro – Licenciatura da UFPel, trinta estão ou já estiveram trabalhando na educação básica, alguns trabalharam ou trabalham com arte da performance, mas não produziram propostas como pesquisas. Nas seis primeiras turmas o curso teve duzentos e quarenta e seis estágios no ensino fundamental e médio; perguntada por mim sobre trabalhos com performance, uma das orientadoras dos estágios, professora Vanessa Caldeira, lembrou-se de apenas um estágio que trabalhou com a arte da performance. Há pouco trabalho com esta linguagem em sala de aula, assim como há pouca formação com essa especificidade na graduação em teatro na UFPel.

As demandas para trabalhar com arte contemporânea estão aumentando e ainda temos carência na UFPel de propostas de trabalho prático com arte da performance nos processos de aprendizagem. Espero, com este trabalho, poder inspirar ideias e propor um programa base para trabalhar com performance na educação, buscando sempre temáticas nos alunos, afinal, desta forma interagimos com seus contextos.

Neste trabalho, faço um breve panorama sobre a arte da performance no primeiro capítulo, organizando algumas possíveis definições da linguagem, assim como suas tendências dramatúrgicas. Na sequência, segundo capítulo, problematizo a arte da performance na educação, justificando minhas escolhas com essa linguagem nos processos de aprendizagem e desenvolvimento artístico-cognitivo. Em seguida, terceiro capítulo, faço um relato sobre a criação do *Plano de Ensino Opinião* e suas posteriores experiências no Estágio na *Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello*, refletindo os processos de aprendizagem artístico-expressivos assim como as possibilidades estético-cognitivas. No quarto capítulo reflito e proponho minhas ideias com a arte performance na educação encorajando esta possibilidade de trabalho.

Enfim, trabalhar com a performance é mergulhar em uma intensa produção de subjetividades e *intersubjetividades*, explorando diversos estados psicofísicos, reconhecendo circunstâncias e suas possíveis quebras (como quebra da normalidade e suas condições sociais prévias), expressando sentimentos e ideias e desenvolvimento de diversos códigos de linguagem. Sendo assim, analiso, reflito e proponho um programa de aulas de teatro que aposta na provocação, na remodelagem, na operação, na experiência real, na troca de afetos, na produção de presença e sentido, na proeza, na façanha, numa prazerosa diluição de fronteiras entre a arte e a vida e, acima de tudo, na eterna capacidade de autonomia de opinião.

1. O que é arte da performance?

*O que mais amo e o que mais tenho medo andam juntos
Afinal, amamos o medo e temos muito medo de amar
Esse louco hábito de ensaiar a vida a todo o momento
Porém, em nenhum momento parar pra viver o ensaio
De sobra, ter vontades infinitas de desafiar nossos
semelhantes
Mas, tampouco, valorizar o fato de nos desafiarmos a si
mesmos*

*Performo-me, performate-te, performa-nos
Com medos e paixões pulsando por cima da pele
Expressamo-nos pro mundo ou pra si mesmos
Vivendo os ensaios de gozo, felicidade, dor e solidão
Abrimo-nos a aprender a linguagem do prazer e da
descoberta*

*Desafio-me, Desafia-te, (des)afia minha lâmina mental
E prova-me que tua paixão não te mentiu e que eu ainda
amo o novo
Sinta o poder da transformação
Transforma ação
Que é minha, é tua
Subjetiva, sub ativa, (des) ativa e pára lisa.*

(Athila Cassuriaga)

Compreendemos que performance é, antes de mais nada, o desempenho ao executar uma ação. Temos performance como desempenho por todo nosso cotidiano. Daí podemos compreender cada profissão com sua respectiva performance. Podemos analisar a performance de forma ampla no mundo dos negócios e do entretenimento, assim como podemos percebê-la nos esportes e até mesmo no sexo. Porém, na década de 1970 firma-se uma linguagem artística denominada arte da performance, baseada em explorar as possibilidades das ações humanas, segundo a expoente performer da década de 1970 Marina Abramovic: uma arte feita de verdade, vulnerabilidade e conexão (ABRAMOVIC, 2015).

“Segundo o dicionário *Longman* (Inglês – Inglês) a palavra performance é definida por execução, desempenho, façanha, proeza, representação, função, espetáculo, atuação, capacidade de realizar trabalho e rendimento” (SCHECHNER, 2006, p. 1). Com base nessa definição reflito que as ações performáticas do ser humano estão presentes desde sempre. Seja na performance da caça, sexual, ritual,

trabalho, relações de poder, dentre outros. O ser humano é um ser performático no sentido de que se exhibe para seu semelhante e, não obstante, para si mesmo.

A performance está relacionada ao desempenho na realização de uma ação. Na contemporaneidade vivemos uma relação com a performance ainda mais interessante de ser analisada. A concorrência do consumismo e os apelos da publicidade, cada vez mais fomentados pelos veículos de comunicação, nos influenciam a sermos cada vez mais performáticos em nossas vidas e ainda temos como organizar e comprovar todo nosso desempenho por meio das tecnologias de informação e comunicação, em especial as redes sociais. Richard Schechner, professor de Estudos da Performance na *Tisch School of the Arts* da *Universidade de Nova Iorque*, nos traz o seguinte apontamento em seu artigo *What's performance?*:

Nos negócios, nos esportes e no sexo, “realizar performance” é fazer algo no nível padrão – ter sucesso, ter excelência. Nas artes, “realizar performance” é colocar esta excelência em um show, numa peça, numa dança, num concerto. Na vida cotidiana, “realizar performance” é exhibir-se, chegar a extremos, traçar uma ação para aqueles que assistem. No século XXI, as pessoas vivem pelos meios da performance como nunca viveram antes (SCHECHNER. 2006, p. 2).

Inspirado pelas definições de Schechner, criei minha própria organização acerca da performance. Dentro de minha pesquisa definirei o campo da performance em oito sub-campos:

1. Vida cotidiana – cozinhar, sociabilizar, tomar banho, escovar os dentes...;
2. Artes – Performance de dança, teatro, canto, música, mágica, circo...;
3. Esportes – Performance do ciclista, nadador, corredor...;
4. Negócios – Performance de professor, palestrante, gerente...;
5. Tecnologia – Performance do veículo, notebook, celular...;
6. Sexo – Performances sexuais nas suas diversas possibilidades;
7. Rituais – Performance de noiva, pastor, babalorixá, xamã...;
8. Arte da Performance – Linguagem artística consolidada nos anos 1970 e o conceito de linguagem que trataremos nesta pesquisa.

Conhecida originalmente em inglês como *performance art*, a arte da performance consiste na expressão artística humana por meio da ação,

desempenho, façanha, proeza... Para esta pesquisa considero a consolidação da linguagem da arte da performance a partir da década de 1970 com uma temporada marcante de performances em que a artista Marina Abramovic surge enquanto expoente. Dentre todos os pesquisadores da performance, a grande maioria (inclusive eu), preferimos denominar “o que está sendo performance” e não “o que é performance”. Como a linguagem traz consigo um gigantesco campo de possibilidades, é mais interessante pensar no que está sendo performático, afinal, os resultados destas obras dependem diretamente de seu contexto e da sua relação com os envolvidos/espectadores.

Segundo Tânia Alice (professora de *Artes Cênicas* da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro):

É nesse sentido que podemos entender a linguagem da performance: como uma linguagem que não constitui apenas uma representação de determinada situação ou contexto, mas que, realizando e efetuando-se, modifica o presente, influi ativamente nele, propondo transformações nos modelos de poder vigente, remodelando as subjetividades e as relações previamente estabelecidas (ALICE, 2013, p. 3).

Mesmo com estes paradigmas, traçaremos uma base para definir performance. Entende-se que a mesma é o desempenho em realizar algo, sendo assim, a arte da performance está baseada na ação humana, na potencialidade de desempenhar uma ação. Quando um performer se propõe a expressar dentro dessa linguagem, ele tem um tema a ser tratado, tem um objetivo e, possivelmente, uma metodologia para provocar a sua ação. Então, baseando-se na sua capacidade de realizar presença enquanto expressão artística, ele propõe de diversas formas uma interação com seu espectador a partir da ideia da concepção da ação performática. O performer busca usar suas ações pra criar uma contrariedade do óbvio, do esperado, dos comportamentos sociais já estabelecidos.

A performance é uma linguagem notoriamente híbrida de artes plásticas e visuais, dança, teatro e música. Porém, ela não é uma obra distante de seu desenvolvedor, a estética se dá na relação performer e espectadores. A performance depende do performer e, pelo menos, um envolvido. Também não é uma apresentação de dança, muito menos uma cena de teatro. Na performance não existe personagem, não existe fingimento ou “faz de conta”. Também não é um

espetáculo de música ou algo que prioriza a relação estética musical. Mas sim, uma linguagem que se beneficia de todas as expressões artísticas para revelar os desejos, medos, protestos do artista, de forma entregue, afinal, performance é alto desempenho. O estado de performance requer concentração, dedicação, empenho, eficácia, foco, dentre outros.

Embora a arte da performance tenha se consolidado na segunda metade do século XX, ela já vem aparecendo muito antes: segundo Richard Schechner há haviam ideias performáticas nas vanguardas da virada dos séculos XIX e XX. A necessidade dos vanguardistas em quebrar padrões da arte pela arte e aproximar-se da arte enquanto vida resultou na criação do primeiro *Happening* por Allan Kaprow, linguagem considerada precursora da arte da performance. Segundo Schechner:

A lista de movimentos de vanguarda é longa e inclui o realismo, o naturalismo, o simbolismo, o futurismo, o surrealismo, o construtivismo, Dada, expressionismo, cubismo, teatro do absurdo, Happenings, Fluxus, teatro de ambiente, arte performática... e outros. Algumas vezes, obras nesses estilos eram consideradas teatro, outras vezes eram dança, outras música, outras artes visuais, outras multimídia etc. Frequentemente o bastante, eventos eram atacados ou repudiados como não sendo arte nenhuma – como aconteceu com os Happenings, um antecedente da arte da performance (SCHECHNER, 2006, p. 40).

O objetivo de Kaprow era, justamente, se opor ao movimento de ‘arte pela arte’ buscando um movimento cultural de ‘arte que parece vida’. A partir da cunhagem do termo arte da performance, a possibilidade dessa linguagem explodiu e expandiu-se nos movimentos artísticos do mundo inteiro. Alguns teóricos refletem a performatividade na maneira como Jackson Pollock pintava e expressava suas emoções na década de 1940 em telas abstratas expressionistas, outros na forma como as vanguardas procuravam se aproximar das novas possibilidades expressivas, outros nas manifestações dos *Happenings*, mas o que reflito é que a performance está junto do ser humano desde os primórdios e o que aconteceu foi apenas uma organização conceitual da mesma enquanto linguagem artística.

Para melhor exemplificar a estética da arte da performance, recorro à experiência prática que desenvolvi chamada *Somos Responsáveis*. Essa performance foi criada por mim numa aula de *Pedagogia do Teatro III* ministrada pelo professor Davi Giordano no ano de 2016. Inspirado a tratar, de forma intensa, a temática meio ambiente, eu entrei semi-nu no espaço, coloquei uma toalha no chão

e iniciei o ritual de alimentação ao estilo *pique-nique* usando uma lixeira da faculdade como "cesta". Após me acomodar, abri a lixeira e comecei a comer o que havia dentro: copos plásticos usados, papéis, sacolas plásticas, dentre outros. No final do ritual, falei algumas vezes a frase "somos responsáveis por tudo aquilo que produzimos".

Posteriormente, no ano de 2017 em uma oficina desenvolvida por mim na disciplina de *Arte e Loucura* ministrada pelo professor Ney Bruck, desenvolvi a mesma performance, porém acrescentei um pigmento marrom semelhante a tinta do qual sujei-me durante a ingestão dos materiais.



Imagem 1: Performance *Somos Responsáveis* desenvolvida em oficina na disciplina *Arte e Loucura* ministrada pelo professor Ney Bruck (FONTE: Acervo pessoal).

O teatrólogo e encenador francês Antonin Artaud (1896-1948) nos fala de um princípio teatral que incita uma necessidade animal, primitiva, visceral, no sentido mais cruel, como lucidez exposta (ARTAUD apud. FABIÃO, 2009, p.240) e, se pensarmos em exposição no sentido de loucura, chegaremos talvez num conceito de lucidez insana. Podemos refletir o discurso como lúcido e a maneira de expressá-la como insana. Esta noção de lucidez insana é facilmente encontrada na performance *Somos responsáveis*, um grito de lucidez e realidade que se beneficia do grotesco e do escatológico para causar impacto e reflexão, uma autocrítica causada pelo estranhamento da radicalidade ali exposta por mim como performer.

Nesta obra podemos perceber o conceito de *cena-não-cena* da arte da performance, o artista não é um personagem, ele não simula que come o lixo, e sim, o faz de verdade.

A obra é baseada inteiramente na ação humana de comer o lixo, apoiada nos recursos como a toalha, pigmento, lixeira e seu conteúdo. A reação estética se dá na relação direta entre performer e espectadores. E a finalização e confirmação reflexiva se dá na frase repetida ao final da obra. O sentimento de susto, pavor, nojo, espanto, dentre outros que aparecem no público, reverberam numa reflexão acerca da obra que acaba gerando pensamentos sobre a produção de lixo, maus descartes de resíduos na natureza, desigualdade social, dentre outros. As emoções e reflexões do público não dependem diretamente do performer, por outro lado, elas são provocadas pela ação do artista, porém, é o contexto de cada espectador com suas memórias que reverberam cada tipo de reação. O material a ser analisado vai além da obra, priorizando a relação com os envolvidos e suas possibilidades estético-cognitivas.

Marina Abramovic é uma artista performática que iniciou sua carreira no início dos anos 1970 e manteve-se em atividade intensa desde então. Muitos a consideram como a 'avó da arte da performance'. Seu trabalho explora as relações entre o artista e a plateia, os limites do corpo e as possibilidades da mente. Segundo Marina:

Performance é uma construção mental e física que o artista executa num tempo específico no espaço, na frente de uma audiência, e então acontece um diálogo de energia. A plateia e o artista constroem a obra juntos. E a diferença entre performance e teatro é enorme. No teatro, a faca não é uma faca, e o sangue é apenas ketchup. Na performance, o sangue é o material, e a lâmina de barbear, ou a faca, é a ferramenta. É que tudo acontece ao vivo, e não se pode ensaiar a performance, pois não se consegue fazer esse tipo de coisa duas vezes, nunca. O importante na performance, vocês sabem, todo ser humano sempre tem medo de coisas muito simples. Temos medo do sofrimento, temos medo da dor, temos medo da mortalidade. Então, o que faço é encenar esses medos na frente de uma plateia. Eu uso a energia da plateia e, com ela, posso explorar os limites do meu corpo o máximo que consigo. E aí eu me liberto desses medos. E sou o espelho de vocês. Se consigo fazer isso por mim, vocês conseguem fazer por vocês (ABRAMOVIC, 2015).

Dentre as atuais tentativas de definições do que 'está sendo' performance, podemos discorrer sobre vários aspectos que a performance pode envolver, como: ser 'protesto', quando a performance traz consigo um viés de contestação sobre uma

temática; muitas vezes ela 'propõe' uma 'modificação', ou uma nova possibilidade de ponto de vista; opera diretamente no 'aqui e agora' das pessoas; diversas vezes “remodela subjetividades e relações previamente estabelecidas” (ALICE, 2013, p. 03, 2013); 'afeta o espaço', propondo ações jamais esperadas dentro da normalidade; “Propõe dissonâncias de ordem social, econômica, espiritual, identitária, sexual, espiritual, emocional, biológica, ideológica, psicológica, política, estética, racial etc” (FABIÃO, 2009, p.237); demonstra “execução, façanha, proeza, espetáculo, rendimento, evento” (SCHECHNER, 2006, p. 28); Produz “uma notável produção de uma presença que afeta energeticamente o espaço” (ALICE, 2013, p. 07); faz uma diluição entre o que é arte e o que é vida trazendo o ser humano e sua realidade pra expressão artística; propõe troca de experiências e afetos, traçando a arte como experiência, dentre outras milhares de definições do que entendemos por arte da performance.

A autora Eleonora Fabião (performer, teórica da performance e professora associada do Curso de Direção Teatral da *Universidade Federal do Rio de Janeiro* (UFRJ) nos propõe algumas tendências na dramaturgia da performance:

1) O deslocamento de referências e signos de seus habitats naturais [...]; 2) a aproximação e fricção de elementos de distintas naturezas ontológicas [...]; 3) acumulações, exageros e exuberâncias de todos os tipos [...]; 4) aguda simplificação de materiais, formas e ideias num namoro evidente com o minimalismo [...]; 5) aceleração ou desaceleração da experiência de sentido até seu colapso [...]; 6) aceleração ou desaceleração da noção de identidade até seu colapso [...]; 7) o desinteresse em performar personagens fictícios e o interesse em explorar características próprias (etnia, nacionalidade, gênero, especificidades corporais) [...]; 8) o investimento em dramaturgias pessoais, por vezes biográficas, onde posicionamentos e reivindicações próprias são publicamente performados; 9) o curto-circuito entre arte e não-arte (sempre); 10) o estreitamento entre ética e estética (sempre); 11) a agudez conceitual (muita); 12) o encurtamento ou a distensão da duração até limites extremos [...] e a irrepetibilidade [...]; 13) a ritualização do cotidiano e a desmistificação da arte [...]; 14) a ampliação dos limites psicofísicos do performer [...]; 15) a ampliação da presença, da participação e da contribuição dramática do espectador[...] (FABIÃO, 2009, p.239).

Com essas tendências dramáticas traçadas e propostas por Fabião, podemos refletir ainda mais o que é possível no desenvolvimento de uma performance, sobre quais características podemos encontrar na proposta dramática da obra performática, quais tipos de provocações o público, espectador ou transeunte podem encontrar numa obra contemporânea de arte da performance. Entendemos que a linguagem não é a representação de algo, mas sim

uma proposta de transformação, de modificação, de reflexão, dentre outras possibilidades. Uma presença que afeta diretamente seu espaço e as pessoas que ali estão.

É nesse sentido que podemos entender a linguagem da performance: como uma linguagem que não constitui apenas uma representação de determinada situação ou contexto, mas que, realizando e efetuando-se, modifica o presente, influi ativamente nele, propondo transformações nos modelos de poder vigente, remodelando as subjetividades e as relações previamente estabelecidas. [...] Há, nessas práticas, uma notável produção de uma presença que afeta energeticamente o espaço (ALICE, 2013, p. 34 e 38).

Por fim, compreendo a performance como a presença humana intensificada em sua ação. Uma prática existencial que funde a arte e a vida e intensifica afetos e relações. Um protesto sobre a urgência de nos percebermos melhor e, conseqüentemente, o mundo que nos cerca.

2. Por que a arte da performance na educação?

Meu primeiro contato com a arte da performance se deu no curso de Teatro - Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, no ano de 2015, quando assisti a um seminário sobre o assunto de um egresso do curso. Lembro que era um trabalho que citava muitas obras de Marina Abramovic e o egresso, chamado Francesco d'Avilla, apresentou seu trabalho de forma performática colando a boca de todos com fita adesiva. Fiquei muito interessado e comecei uma pesquisa acerca da performer Marina Abramovic, uma das maiores influências do meu percurso na linguagem. No ano seguinte, 2016, participei de uma disciplina de *Pedagogia do Teatro III* com o professor Davi Giordano, artista e pesquisador de performance, quando tive a oportunidade de estudar melhor a linguagem e suas possibilidades na educação, podendo ainda fazer várias experiências na prática. Influenciado e abastecido por esta disciplina, resolvi em seguida fundar, ainda no mesmo ano, o *Grupo Opinião*, do qual também me desenho como diretor artístico. Desde então venho me dedicando a produzir e pesquisar arte da performance alinhada com dança-teatro, ambas linguagens contemporâneas.

No ano de 2017 comecei a me preparar para ministrar oficinas de arte da performance dentro do curso de Teatro – Licenciatura da UFPel na disciplina de *Arte e Loucura* ministrada pelo professor Ney Bruck, neste momento passei a buscar propostas de performance na educação. Nesta busca achei diversos artigos reconhecendo pontos pedagógicos na linguagem artística, porém, ainda não havia consolidado uma estrutura própria de trabalho e metodologia autoral. Comecei a perceber que ainda existe aparente carência de práticas e pesquisas na área. Paralelamente, comecei a reconhecer diversos colegas cada vez mais interessados no trabalho com esta linguagem em escolas. Surgem propostas experimentais dentre os estágios de meus veteranos da faculdade. Diante do pouco material sobre arte da performance na educação e o crescente interesse por meio dos professores de Artes, resolvo começar a criar meu próprio método inspirado nas criativas aulas do professor Davi Giordano e, a partir destas práticas, pesquisar as possibilidades pedagógicas para, quem sabe, propor um plano base de trabalho com a performance na educação.

Inicialmente, ministrei as oficinas nas aulas de *Arte e Loucura*. Com as experiências que obtive nas oficinas, fui criando o *Plano de Ensino Opinião – Uma*

proposta performática de aula de Teatro, com objetivo de desenvolver posteriormente no meu *Estágio II* (direcionado ao Ensino Médio). Meu estágio foi efetuado na *Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello* na cidade de Pelotas - RS. Ministrei aulas de Artes para os quarenta e quatro alunos da *Turma 1003* de primeiro ano, com média de dezessete anos de idade. O estágio foi composto por vinte horas de regência, todas no turno matinal, tendo professora Silvana de Castro como responsável da turma e a professora Vanessa Caldeira como orientadora do estágio.

Minha temática no estágio era clara: arte da performance. Embora entendamos como linguagem própria, dentro do planejamento eu reflito a performance, também, como conteúdo teatral, ao lado de outros conteúdos do teatro como expressões corporal e vocal, interpretação, dramatização, improvisação e até mesmo estética. Porém, trabalho todos estes conteúdos dentro da linguagem da arte da performance. Conforme meu tema foi sendo definido, minha preocupação era justificar a importância e a eficiência da performance no ensino de Artes. Foi aí que comecei a estudar nossa atual *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* (LDB), assim como nossos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (OCM) e o *Referencial Curricular Lições do Rio Grande* (referencial do estado do Rio Grande do Sul) para que, aliado às minhas referências artísticas pudesse refletir uma proposta coesa para desenvolver este trabalho.

A *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* (LDB) regulamenta o ensino no país por princípios constitucionais. Ela foi criada em 1961, atualizada em 1971 e sua última versão é de 1996, vigorando até os dias atuais. O ensino de Artes foi incluído no currículo na versão de 1971, com o nome de 'Educação Artística', porém não como disciplina, mas sim como 'atividade educativa'. No ano de nossa atual Constituição Federal, 1988, sofreu grave risco de sair do currículo escolar, fato que levou a classe de professores de artes a reivindicar seus direitos.

Finalmente, na versão de 1996 da LDB, o ensino de Artes foi determinado obrigatório e reconhecido como disciplina, constituindo parte da educação básica conforme dispõe o parágrafo 2º do artigo 26: "O ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (BRASIL, 1996).

Porém, atualmente o ensino de Artes compõe-se das especificidades de Artes Visuais, Teatro, Dança e Música, sendo que esta última se tornou obrigatória a partir de 2008 com o advento da Lei Federal 77.769.

Além da LDB, o governo formulou também os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), que servem para elaboração dos currículos do ensino fundamental e do ensino médio das redes pública e particular. Nos PCN de arte, são propostos quatro guias de linguagens diferentes: Artes Visuais, Teatro, Dança e Música e ainda nos traz como proposta a triangulação artística, proposta originalmente por Ana Mae Barbosa³, composta por produzir, apreciar e refletir diversas manifestações artísticas e culturais.

Diante das possibilidades de trabalhar quatro linguagens dentro da disciplina Artes na escola, parece-me muito proveitoso trabalhar com a arte da performance, afinal, trata-se de uma linguagem híbrida que contém elementos do teatro, dança, artes plásticas/visuais e música, além de potencialidades artístico-tecnológicas como audiovisual citadas nos PCN (BRASIL, 2000, p. 49). Também acredito no potencial da arte da performance para desenvolver os três elementos da triangulação, sendo assim, objetivo, como base estrutural do *Plano de Ensino Opinião* a produção, recepção e reflexão de diversas manifestações de performances. Acredito que esta linguagem possibilita produção e “compreensão de arte como um conhecimento sensível-cognitivo, voltado para um fazer e apreciar artísticos e estéticos e para uma reflexão sobre sua história e contextos na sociedade humana” (BRASIL. 2000, p. 46).

A linguagem da arte da performance possibilita amplo fazer artístico, explorando, através das experiências performáticas, conteúdos e práticas das diversas linguagens enumeradas pelos PCN, um caminho para expandir o campo de possibilidades de códigos e linguagens dos alunos no contexto cultural e socioeconômico em que se inserem:

Os estudantes que frequentam a escola média, ao desenvolverem fazeres artísticos por meio das linguagens e códigos da música, artes visuais, dança, teatro, artes audiovisuais podem aprender a desvelar uma pluralidade de significados, de interferências culturais, econômicas, políticas atuantes nessas manifestações culturais (BRASIL, 2000, p.49).

³ É a principal referência no Brasil para o ensino de Artes nas escolas, tendo sido a propositora da triangulação no ensino das artes (que atualmente consta nos PCN) composta por produzir, apreciar e refletir diversas manifestações artísticas.

Podemos considerar a arte da performance como um evento na escola, um acontecimento cultural e artístico capaz de provocar e gerar reflexões com base nesses códigos, um componente curricular, dentre muitas outras possibilidades. Desta forma, torna-se possível refletir a pluralidade de significados e suas realidades em cada manifestação cultural.

Com a arte da performance podemos provocar a reflexão sobre elementos ligados aos aspectos estéticos e políticos do contexto social de cada aluno, assim como a exposição de suas características e ideologias nas suas produções por meio de temas trazidos pelos mesmos. Inspirado nas indicações dos PCN criei a proposta de instigar nos alunos suas capacidades de expressar suas ideias e emoções dialogando com suas realidades socioeconômica e culturais, explorando o diálogo, a argumentação e a reflexão, ligando o seu fazer artístico com seu contexto e seus processos de aprendizagem.

Nas aulas de arte, os alunos do Ensino Médio, ao darem continuidade ao seu aprendizado de fazer produtos de linguagem artística, podem aperfeiçoar seus modos de elaborar idéias e emoções, de maneira sensível, imaginativa, estética tornando-as presentes em seus trabalhos de música, artes visuais, dança, teatro, artes audiovisuais. A partir das vivências com essas linguagens no seu meio sócio-cultural e integrando outros estudos, pesquisas, confrontando opiniões, refletindo sobre seus trabalhos artísticos, os alunos vão adquirindo competências que se estendem para outras produções ao longo de sua vida com a arte (BRASIL. 2000, p.51).

No plano elaborado, procurei explorar o potencial da performance como provocação reflexiva e contextualização sócio-cultural. Também considero uma excelente possibilidade de experiências artísticas para trabalhar com os temas transversais propostos pelos PCN: Ética, Orientação Sexual, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo. Estes temas expressam conceitos e valores básicos à democracia e à cidadania e obedecem a questões importantes e urgentes para a sociedade contemporânea (BRASIL. 1997). Porém no plano estes temas não são impostos, eles são coletados diretamente na turma. As temáticas são levantadas pelos próprios alunos, conforme suas demandas no seu contexto.

Existe, nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (OCEM), uma proposta de estruturas morfológicas e sintáticas da linguagem teatral (BRASIL. 2006, p.189). Analisando a estrutura morfológica do ensino da arte da performance, penso que a ação, os movimentos, a voz, os gestos, o figurino, a maquiagem, os instrumentos dentre outros encontram-se presentes. Já a estrutura sintática é

formada pelos aquecimentos performáticos, jogos performáticos, performances relacionais, *re-enactments* como prática pedagógica, relação performer/transeunte, programa base, dentre outros.

Considero que ocorre uma aprendizagem de forma mais plena quando conseguimos acessar a racionalidade e a contextualização do aluno por meio de uma provocação estética, sensorial, emocional... Ou seja, acredito que, quando provocamos uma emoção no aluno e essa emoção, devido ao seu contexto, adentra no campo racional, a aprendizagem se dá de forma interligada e integral, afinal é assim que formamos conexões entre diferentes áreas. Segundo as OCEM a análise dos fundamentos culturais presentes no jogo ou na cena/espetáculo:

estabelece uma aproximação entre os códigos da linguagem e os modos pelos quais ela se manifesta, redundando no estabelecimento de elos entre o produto apreciado e os dados do receptor. Dessa maneira, no cerne dessa relação instaura-se o processo de contextualização (sócio-histórica, antropológica, estética, filosófica etc.) que favorece a aprendizagem significativa, ou seja, o enlaçamento dos conteúdos de Teatro aos das demais disciplinas e à realidade (BRASIL. 2006, p.191).

O mesmo vale para a arte da performance que trabalha temas dos alunos contextualizando suas realidades ali presentes, aliando-se as possibilidades expressivo-artísticas. Provocando um desenvolvimento sensível-cognitivo acerca de seus contextos sócio-econômico-culturais.

Um dos grandes papéis de quem está na academia é criar vínculos entre os conhecimentos de diferentes áreas. Porém, no ensino básico somos pouco estimulados para pesquisar com esta perspectiva de proposição criativa. Acredito que a performance é uma grande facilitadora para vincular conhecimentos e temáticas. Muitos momentos no ensino básico, nós professores, procuramos trabalhar com o maior número de conteúdos possíveis, porém, acabamos não aprofundando uma pesquisa. Recebemos dados constantemente, muitos deles transformamos em informações. Essa conexão que fazemos entre as informações é que podemos reconhecer como conhecimento empírico. Nesse sentido acredito na potência da arte da performance no processo de formação de conhecimento, vinculando arte, filosofia e temas urgentes.

O *Referencial Curricular Lições do Rio Grande* baseia-se na triangulação 'ler, escrever e resolver problemas'. Podemos entender essas três ações em todas as áreas. Nas artes, por exemplo, compreende-se que ler é ser receptor artístico e

desenvolver habilidades na condição de público; escrever é criar arte de forma consciente e criativa e resolver problemas que compõe a parte técnica e crítica do fazer artístico; assim como seus principais obstáculos. Podemos perceber essa estrutura como uma nova leitura da triangulação de Ana Mae Barbosa proposta nos PCN's.

A performatividade está cada vez mais presente em nossas vidas. O mundo globalizado de consumo nos exige espetacularização a todo o momento. O palco, antes restrito atrás de cortinas vermelhas ou na esquina de um calçadão, vai ganhando, rapidamente, espaço nas gigantes plataformas digitais, locais onde todos podem ser performers e mostrar aquilo que quiserem sobre suas vidas, sendo verdade ou não. O Referencial Curricular Lições do Rio Grande nos remete à importância de

observar como o teatro faz parte de nossa vida, seja por meio de programas de televisão, videocliques, novelas, filmes, em representações visuais e discursivas, ou mesmo como um objeto de estranhamento, pode ser um meio de pensar o teatro como arte e manifestação do nosso tempo (SEDUC/RS. 2009, p. 108).

Nesta citação, podemos reconhecer a data do lançamento do referencial que é do ano de 2009. Havia muita diferença no uso de redes sociais daquela data para essa nova relação que temos com as tecnologias de informação e comunicação e nas diversas possibilidades artísticas em rede que estão surgindo agora e que dominam o cotidiano da maioria dos jovens e adolescentes do Ensino Médio. Penso que podemos aproveitar as possibilidades de criações artísticas por redes sociais da atualidade e as possibilidades de trabalhar com manifestações *online* como produção alternativa para aqueles que optarem por este tipo de performance dentro da estrutura do plano de ensino.

Na era das novas tecnologias, nós artistas da performance somos provocados a pensar novas formas de criação de nossos trabalhos e de participações de nossos espectadores. Impossível ignorar que a sociedade mudou e que a arte é convocada para se conectar em meios digitais e *online*, como *Facebook*, *WhatsApp*, *Twitter*, *YouTube*, *Podcast*, dentre muitos outros (GIORDANO, 2018, p. 2).

Esta citação é de Davi Giordano, performer, professor e *coach* que, em 2017, criou as *Performances Conectadas*, *Facebookianas*, *em rede*, *Intimistas* e *Virtuais* que, no ano de 2018, deu origem ao artigo *Manifesto das Performances em Espaços*

Virtuais: Facebook, WhatsApp e Novas Possibilidades de Afetos Online, publicado na Revista portuguesa *Performatus*. Este professor-artista é um exemplo de como é possível produzir o trabalho performático *online* em redes afetivas que extrapolam a dimensão presencial e como podemos aproveitar o grande contato com a conectividade que os jovens têm atualmente. Aqui, refletimos algumas possíveis potencialidades de conexão com os jovens e adolescentes do Ensino Médio. Nos deparamos com uma nova realidade poética segundo Giordano:

“O artista está presente”, agora em redes virtuais; estar presente: *be online* / não estar presente: *be offline*; Performar é publicar, postar, interagir, *twitter*, notificar, colocar em rede; Há diversas formas possíveis de relações: postagens, publicações, *inbox*, *chat*, e-mails, *Skype*, etc.; Espectadores se tornam seguidores; Fronteiras híbridas se tornam conexões em rede; A internet e os sinais de *wi-fi* são a força motriz de nossas ações; *Likes*, corações e *emotions* são formas possíveis também de expressão de afetos; Compartilhar é expandir arte em rede; A não reação a alguma publicação também é uma forma de expressão do espectador emancipado (GIORDANO, 2018, p. 2).

Sendo assim, acredito que nós, professores de teatro, devemos ir além das ideias do *Referencial Curricular Lições do Rio Grande* e analisar as dissonâncias diversas entre as fronteiras de atuação e vida percebendo o teatro, não somente nas novelas, programas de televisão, filmes etc., como apontado no referencial já citado acima (2009, p. 108), mas sim em todo nosso cotidiano enquanto característica intrínseca do ser humano.

Nós, professores, lidamos diariamente com uma ampla atuação de performer: desenvolver encontros que geram processos de aprendizagem. Atuar como professor é manter consciência do que se está fazendo, aonde quer chegar articulando como fazer e propor nossas experiências de aprendizagem. É uma atuação extremamente complexa. Um dos papéis do professor-pesquisador performer é ter sensibilidade com sua turma, é inventar e reinventar formas de ser docente sempre explorando onde e como quer chegar. Nesse sentido o nosso planejamento pedagógico funciona também como um programa performativo, justamente um roteiro que nos permite ter segurança para vivenciar o presente e também produzir presença com os alunos.

Nesse sentido, o professor deve inventar modos de ser docente e acreditar na sua atuação como um professor que é simultaneamente artista, pesquisador e observador. Tal prática ativista reflete criticamente sobre a

compreensão do docente como parte integrante do circuito da arte contemporânea (GIORDANO, 2015, p. 10).

Encarar que meu trabalho é uma performance de professor, artista e pesquisador, ajuda a alinhar meu papel enquanto provocador artístico de conhecimento. A performatividade mostra-se presente em outros pontos do cotidiano; assim como no papel do professor também percebemos a linguagem na atuação do médico, da vendedora, da policial, dentre outras. Sendo assim, a arte da performance é uma dilatação das performances cotidianas, proporcionando o curto-circuito dos desempenhos comuns. A performance de professor, artista e pesquisador que me proponho requer a provocação da necessidade de expressão e reflexão artística da turma, assim como o reconhecimento da linguagem.

Dentro da arte da performance há muito trabalho acerca dos conteúdos teatrais. As performances que contém um roteiro partem da ideia de dramatização. A interpretação teatral está na maneira como os envolvidos interpretam suas temáticas e levam à cena. A performance geralmente propõe um programa base, mas é na interação com seu público que o material performático se transforma em produção estética, possibilitando uma alta gama de improvisações. As expressões vocal e corporal estão presentes em todos que entram em cena, afinal, dependem desses recursos para expressarem-se. Além de todo esse trabalho prático com os conteúdos teatrais, a performance permite muito diálogo estético, compreendendo estética como área da filosofia, permitindo trazer referências filosóficas também tão essenciais para o âmbito escolar..

Não há dúvidas de que a arte da performance é uma via muito rica para o ensino de teatro, já que a mesma gera opinião, autoconsciência, posicionamento, protesto, crítica, estranhamento, desconstrução, reflexão e infinitas reações que aparecem a cada dia em seus espectadores. Automaticamente podemos transitar com tudo isso no campo da arte-educação.

A filosofia da arte e os questionamentos da estética têm muito campo fértil na arte contemporânea e especificamente na arte da performance, que lida com o efêmero e a contextualização do presente. A linguagem da performance estimula uma conexão direta do campo do sensível com ideias racionais. Acredito que esta linguagem tem um poder excepcional em termos de capacidade de gerar reflexões e questionamentos e operar diretamente na realidade dos envolvidos.

Pessoas que acessam melhor uma conexão entre a razão e a emoção numa fruição estimulam a criação de pontos de vista, ideologias, crenças, enfim, o necessário diálogo com as diferenças. Costumamos lembrar-nos das sensações causadas pela proposta e, conseqüentemente, os pensamentos racionalizados provocados por aqueles sentimentos reverberados pela provocação da performance. Enfim, pesquiso, pratico e proponho o *Plano de Ensino Opinião* porque acredito nesta linguagem enquanto provocação, remodelagem, operação, experiência, façanha. Uma possibilidade de diluir as fronteiras entre arte e vida, escola e criação e, acima de tudo, desenvolver a capacidade de autonomia de opinião.

3. Plano de Ensino Opinião: uma proposta performática de aula de Teatro

Envolvido pelos estudos dos referenciais da educação e dos referenciais artísticos de arte da performance e da arte contemporânea, comecei a criar o *Plano de Ensino Opinião* para desenvolver minhas experiências práticas em meu estágio. Assim que cheguei à *Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello*, fui recebido para desenvolver minha primeira das duas observações a serem feitas na aula da professora Silvana, responsável pela turma. Porém, devido a um remanejamento no horário fiquei impossibilitado de observar porque o período da professora já havia ocorrido minutos mais cedo. Sendo assim, aproveitei para observar a escola como um todo: sala da direção com a gestão em funcionamento, sala dos professores e seus respectivos comportamentos entre eles, coordenação pedagógica e a agenda de funcionamento da mesma, entrada e saída de alunos na escola, comportamento dos alunos ao se relacionarem entre si - com seus transportes, com o bairro da escola, entrada e saída da instituição e assuntos mais latentes.

Já no segundo dia de observação pude estar em sala de aula junto com a professora Silvana, que estava trabalhando o desenvolvimento de imagens a partir de pontos de vista. Percebi que a turma era bem grande, neste dia tinham trinta e seis alunos numa sala quadrada que mede cerca de cinco metros por cinco metros. Os alunos que estavam presentes já ocupavam todo o espaço. Acredito que se fossem os quarenta e quatro alunos o espaço seria insuficiente. Em contrapartida, a sala é bastante iluminada, contém janelas em ambos os lados. Possui dois tipos de quadros para escrita: o tradicional verde escuro (para giz) e o mais atual branco (para canetas). A turma não demonstrou excesso de agitação e, complementando, articulava muito bem com a professora. O período de quarenta e cinco minutos passou rapidamente, fiz algumas anotações e, depois de terminar a aula, a professora fez questão de me apresentar todas as dependências da escola. Assim que conheci todos os espaços, combinei com a professora que usaria a quadra de esportes para desenvolvimento das aulas práticas, articulando a disponibilidade do espaço com o professor de Educação Física. Depois de me apresentar para toda a escola, partimos para a sala dos professores onde pude conversar com Silvana. Conversei com a professora sobre assuntos pertinentes para mim como chamada, avaliação, especificidades dos alunos, temas transversais, uso de celular em aula,

dentre outros. Aproveitamos pra combinar troca de conteúdos e ideias metodológicas via *WhatsApp*.

Depois de coletar as informações sobre a escola e a turma, era chegado o momento de terminar a criação do *Plano de Ensino Opinião*. Meu primeiro autoquestionamento sobre o projeto foi o objetivo geral a ser alcançado durante a experiência. Facilmente cheguei à conclusão de que esse objetivo seria ‘desenvolver a capacidade de reconhecer, compreender e produzir diferentes tipos de performances, interagindo com seu contexto histórico político-social e seu patrimônio cultural’. Com este objetivo eu contemplei as triangulações das diretrizes e parâmetros, assim como priorizei buscar as temáticas nos próprios alunos, buscando características de seus contextos. Após, refleti possíveis objetivos específicos, como ‘compreender a performance como elemento transformador político social; aprimorar a capacidade crítico-reflexiva em relação às potencialidades estéticas, históricas e político-sociais; experimentar diversas possibilidades de arte relacional; explorar potências de questionamentos filosóficos; refletir sobre potencialidades estéticas; ampliar a comunicação verbal, visual e corporal nas diferentes relações sociais e; explorar a performance para articular reflexão do seu contexto, assim como seu patrimônio cultural’.

Após decidir exatamente aonde eu gostaria de atuar com meu estágio, tinha chegado o momento de decidir como eu alcançaria meus objetivos, ou seja, como seria a estrutura das minhas aulas. Sendo assim, decidi trabalhar com uma linha de experiências composta por aquecimentos teatrais no início do trimestre, aquecimentos performáticos durante todo o processo, *re-enactments* de performances (apresentados por mim e Laís Souza, outra performer do *Grupo Opinião*) como práticas pedagógicas, produção de performances feitas pelos alunos e reflexões de performances assistidas (tanto nos *re-enactments* quanto nas produções dos colegas). Após traçada minha metodologia, comecei a especificar os conteúdos que seriam trabalhados. A performance, além de ser o eixo no projeto, também foi compreendida enquanto conteúdo teatral, assim como a expressão corporal (utilização expressiva intencional do movimento nas situações performáticas e valorização e ampliação das possibilidades estéticas do movimento), expressão vocal (apropriação da voz como aparelho sonoro performático), interpretação (experimentação de perspectiva interpretativa e reprodução plástica para expressão de ideias numa exploração de linguagem com base na ação e leitura

de diversas possibilidades interpretativas e contextuais provocando questionamento e vínculo de ideias), improvisação (aproveitamento do contato performer/público para colher material espontâneo e improvisacional que complementa e enriquece o programa base da performance) e dramatização (investigação das potências de criar e recriar situações e diferentes contextos para implementação cênica da linguagem da performance).

Após definir os objetivos, a metodologia e os conteúdos, é chegado o momento de pensar como eu avaliaria os alunos. Na escola Sylvia Mello a nota é fechada por um conceito, este conceito é formado por três sinais positivos. Resolvi fazer três avaliações: a participação do aluno no trimestre como um todo, a produção de performance - desde seu projeto até a cena - e uma reflexão (escolhida pelo aluno, podendo ser uma obra dos colegas, do estagiário ou da colaboradora Laís) a ser entregue por escrito no final no trimestre. Com esta metodologia pude avaliar se o aluno cumpriu os três eixos da triangulação: produzir, receber e refletir a arte da performance, tendo de forma intrínseca seu contexto histórico e político-social e seu patrimônio cultural.

Para finalizar a criação do *Plano de Ensino Opinião* criei um cronograma contendo dezessete aulas com duração de quarenta e cinco minutos cada. Neste planejamento comecei com a aula 'Quem é você? O que você quer?', na sequência a aula de 'aquecimentos e jogos teatrais', 'aquecimento performático um', '*re-enactment* da performance dos segredos', aula 'o que é performance?', 'produção de performance em grupo um', aula 'performance dos preferidos', 'minha história na performance e aquecimento performático dois', '*re-enactments* dois contendo as performances do *Grupo Opinião*', 'criação de performances um', 'produção de performances dois', 'aquecimento performático três', '*re-enactments* três', 'produção de performances três' e a aula de 'finalização com performance ritualística'.

Após a criação do *Plano de Ensino Opinião*, dei início às minhas regências. Na primeira aula apresentei-me enquanto professor de teatro, expus de forma básica a temática do estágio e aproveitei para divulgar minhas plataformas digitais. Após minha apresentação, cada aluno se apresentou falando nome e idade enquanto eu anotava tudo. Na sequência desenvolvi um jogo em que cada aluno respondia duas perguntas em voz alta: 'Se você pudesse passar o dia inteiro fazendo algo, o que seria?', 'se você pudesse reclamar algo agora e ter atendimento automaticamente, o que seria?'. Com essas duas perguntas fiz um levantamento geral de temáticas, pois

fui percebendo vários desejos dos alunos, assim como seus principais incômodos. Para finalizar, entreguei papéis sobre os quais os alunos deveriam escrever a resposta para a pergunta: 'O que necessita alguém para ser feliz?'. Com essas perguntas levantei interessantes temáticas e percebi que foi uma eficiente dinâmica para auxiliar meu processo de conhecer mais rápido os alunos, assim como decorar seus respectivos nomes, afinal foram três jogadas chamando cada um por seu nome e olhando em seu rosto enquanto respondiam a uma peculiaridade.

A segunda aula foi de aquecimentos e jogos teatrais. Utilizei alguns jogos de integração de elenco como o jogo 'quem está propondo o movimento?', no qual os alunos formavam uma roda e uma pessoa saía do local, então os alunos decidiam alguém para propor diferentes movimentos enquanto o restante da roda imita. A pessoa retorna e fica no meio da roda analisando os colegas fazendo diversos movimentos. O objetivo é descobrir quem está propondo os movimentos. Também desenvolvi o jogo da 'teia', no qual os alunos formavam um círculo de mãos dadas e memorizam seus colegas da direita e esquerda, desmontavam o círculo e, ao som de um sinal, davam as mãos para os colegas memorizados (mas sem priorizar a configuração de círculo) formando uma espécie de 'teia'. Após formar a teia os alunos devem desmontá-la e voltar ao círculo inicial sem soltar as mãos do colega. Outro jogo que desenvolvi foi o 'assassino', em que um assassino era sorteado em segredo e deslocava-se entre a turma que caminhava pelo espaço observando seus colegas. O assassino começava a matar seus colegas com uma piscada de olho, as vítimas começavam a simular uma morte dramática após alguns segundos da ação do assassino. O objetivo da turma era descobrir quem está assassinando. O jogo da teia foi bastante desenvolvido, porém, o 'assassino' ficou um pouco pendente pelo curto espaço de tempo.



Imagem 2: Jogo 'quem está propondo o movimento?', desenvolvido na segunda aula (FONTE: acervo pessoal).

Na terceira aula de aquecimentos performáticos resolvi retomar o jogo do assassino após algumas mensagens de aquecimento. No jogo, pudemos desenvolver a proposta cinco vezes, sendo que na última eu fui introduzindo de forma secreta (piscar de olhos) mais outros assassinos, chegando ao número de quatro atuando no jogo. Na sequência desenvolvi o jogo performático 'Intertexto' criado por Davi Giordano em que, a partir do poema de Bertold Brecht, era atribuído a um aluno a primeira frase do poema e este deveria correr livremente na quadra falando a frase, depois outro aluno ganhava outra frase e, sem parar de falar sua frase, deveria tentar conter o primeiro aluno, assim um terceiro entrava no jogo, um quarto etc. Até formar uma corrente de contenção e força com diversos gritos das frases do poema: 'primeiro levaram os negros', 'mas eu não me importei com isso', 'eu não era negro', 'como não me importei com ninguém', 'ninguém se importa comigo'... O interessante desse jogo é analisar as diversas possibilidades vocais que se dão de forma natural devido às movimentações e contenções corporais, além da reflexão de empatia proposta pelo autor alemão Brecht.

Na quarta aula desenvolvi a *Performance dos Segredos* como *Re-enactment* um. Este trabalho foi criado originalmente por Verônica Díaz, aluna do curso de Teatro – Licenciatura da UFPel, na disciplina de *Pedagogia do Teatro III* ministrada pelo professor Davi Giordano no ano de 2016, na mesma proposta de atividade em

que foi criada a performance *Somos Responsáveis* de minha própria autoria. Após ajudar a performer Laís Souza do *Grupo Opinião* a se organizar na quadra com seu figurino, maquiagem e recursos, esperei poucos minutos até que soasse o sinal para eu iniciar minha aula. Fiz a chamada, re-comentei sobre as avaliações e fiz uma pequena instrução da performance. Quando nos direcionamos à quadra e os alunos viram Laís muito maquiada, toda vestida de preto, com alguns papéis colados no corpo, segurando um saco preto ao som de músicas instrumentais, ficaram congelados. A primeira reação foi de extremo espanto então, aos poucos, foram chegando perto da performer e lendo as instruções nos papéis colados no seu corpo. Nessa performance cada aluno deveria escrever um segredo pessoal no papel de forma anônima, colocar no saco preto e pegar outro papel com um segredo de outra pessoa. Na sequência colar o segredo do colega no corpo da performer. Escolhi esta performance porque a mesma tem ampla eficácia em envolver o grupo, levantar temáticas e, de sobra, divertir-se. Além do mais é uma ótima proposta para começar a entender o conceito de 'estética relacional', apoiada neste planejamento pelo autor Nicolas Bourriaud⁴ (1998).

Como a obra de arte é uma ocasião para uma experiência sensível baseada na troca, ela deve se submeter a critérios análogos aos que fundam nossa avaliação de qualquer realidade social construída. Hoje, o que estabelece a experiência artística é a co-presença dos espectadores diante da obra, quer seja efetiva ou simbólica. As primeiras perguntas a ser feitas diante de uma obra de arte são as seguintes: Esta obra me dá a possibilidade de existir em sua estrutura? O espaço-tempo sugerido ou descrito por esta obra, com as leis que a regem, corresponde a minhas aspirações na vida real? Ela critica o que julgo criticável? Eu poderia viver num espaço-tempo que lhe correspondesse na realidade? (BORRIAUD, 2009, p. 80).

⁴ Nicolas Bourriaud é um crítico de arte, diretor da Escola Superior de Belas-Artes em Paris, que conceituou a ideia de estética relacional, refletindo que vivenciamos um tempo onde a prioridade encontra-se na presença e numa sensibilidade coletiva pensando novas formas de fazer artístico. Segundo o autor, os atuais artistas refletem sua forma de estar no mundo, apostando na ideia de arte como campo de trocas. Sendo assim, compreendemos a obra de arte como algo dinâmico, propondo intensa interação entre autor, público e obra. A obra existe, justamente, na relação que se dá com seu espectador, que é elemento crucial para este fazer artístico. Para este autor, existe uma rede colaborativa entre artistas e não-artistas que influenciam diretamente a produção de subjetividades, permitindo uma rede de trocas sustentadas pelas intersubjetividades, nas respostas emocionais, comportamentais e históricas que os espectadores dão à experiência proposta. Conectando diretamente a arte e a vida.

A *Performance dos Segredos* fluiu rapidamente, e a velocidade que foram escritos os segredos foi recorde desta performance. Foram quatorze participantes da obra (fora a performer e eu), dezessete minutos e impressionantes trinta e nove segredos. Os alunos ficaram muito envolvidos, não queriam finalizar a obra e estavam relutando em ir para a próxima aula, então tive que finalizar a performance, apresentar a eles a performer e agradecer a presença de todos.

No início do trimestre, na primeira aula, eu levantei temas de felicidade: família, dinheiro, empatia (ajudar o próximo) e animais. Temas de incômodo: Salário e violência. Agora, nesta performance, levantei segredos em comum da turma e os principais são 'medos': dos trinta e nove segredos vinte e um deles são medos (medo de perder pessoas que amam é o que lidera o *ranking*, com oito repetições entre os vinte e um segredos, seguido de não alcançar seus objetivos no futuro, ser esquecido e confiar em pessoas falsas com duas repetições cada; medo de dois caras em uma moto, estupro, palhaços, cobras, magoar pessoas, ficar sem lanche na escola e medo de relacionamento sério também compõem a lista dos medos entre os segredos dos alunos).



Imagem 3: Quarta aula. 'Performance dos Segredos'. Re-enactment como prática pedagógica. Performance criada por Verônica Díaz e desenvolvida por Laís Souza (FONTE: acervo pessoal).

A quinta aula foi o momento em que contextualizei a arte da performance e forneci um breve panorama histórico sobre esta linguagem. Depois de explicar no que se baseia a linguagem, suas tendências dramatúrgicas e dar um breve

panorama histórico, escrevi com grandes letras as palavras 'arte da performance' no quadro e propus que os alunos me dissessem definições, possibilidades, impressões. Diversas propostas surgiram para complementar nosso quadro e, quando as propostas findaram, peguei o saco preto da *Performance dos Segredos* cheio de possíveis conceitos, tendências dramatúrgicas, definições e provocações da performance. Cada aluno tirava um papel do saco e propunha uma reflexão. Resolvi deixar a aula 'o que é performance' para depois de algumas práticas, pois prefiro chegar na teoria por meio da experimentação. Acredito que o caminho se dá de forma mais 'fluída' no campo artístico. Após essa dinâmica, aproveitei os dez minutos finais da aula para criar junto com os alunos a primeira performance de grupo. Acreditei que precisaria conduzi-los, mas me enganei. Baseados na *Performance dos Segredos*, rapidamente os alunos criaram, não apenas uma, mas duas performances que aconteceriam simultaneamente. A estrutura de ambas era igual à dos segredos, porém uma performer possuía um saco dos medos e outra das felicidades. Os alunos escolheram abordar como temáticas seus medos e suas felicidades inspirados nos segredos produzidos na aula anterior.

Na sexta aula cheguei à sala efetuando a chamada como de costume. Impressionei-me ao perceber que as duas performers que atuariam nas performances da turma já se encontravam em estado performático. Ambas estavam caladas, não respondiam às perguntas (nem mesmo a própria chamada) e estavam em extremo estado de concentração. Antes de irmos para a quadra instruí os alunos sobre o evento performático, a organização espacial, as regras, assim como a definição de início, meio e fim da obra. Fomos para a quadra e as performers posicionaram-se conforme a turma solicitou. Deu-se início às performances e muitos medos e felicidades foram escritos. Muitos foram repetidos da *Performance dos Segredos*, porém outros tantos novos surgiram. A turma mostrou-se muito empolgada com as propostas. Percebo que além das compreensões básicas de produção e recepção de performances, os alunos se envolveram entre si. Quando, nas performances, eu estímulo os alunos a se conhecerem melhor estou desenvolvendo processos de formação de subjetividade que, na sua formação colocada em relação com o outro, forma o que chamamos de *intersubjetividades*.



Imagem 4: *Performance dos Medos*. Criada coletivamente pela turma na *Produção de performances I* e desenvolvida pela aluna/performer Agnes Peres de Oliveira (FONTE: acervo pessoal).



Imagem 5: *Performance das Felicidade*s. Criada coletivamente pela turma na *Produção de performances I* e desenvolvida pela aluna/performer Amanda Rocha (FONTE: acervo pessoal).



Imagem 6: *Performance dos Medos e Performance das Felicidades* acontecendo juntas, conforme acordado na quinta aula (FONTE: acervo pessoal).

Estimulado pelos processos de *intersubjetividades*, criei uma obra chamada *Performance dos Favoritos*, que propunha que três pessoas fossem sorteadas e instruídas a ficarem vendadas no meio da quadra. Essas pessoas respondiam algo preferido escolhido pelo estagiário. Pode ser uma cor, um animal, uma comida, um horário, uma estação do ano, uma data, um evento, uma fruta, uma banda, um filme, uma música, uma disciplina na escola etc. O importante é que, neste momento, um quesito apenas seja escolhido, se aparecerem dois repetidos as pessoas pulam pro segundo favorito. Depois desse momento, todas as pessoas que também têm aquela fruta, cor, animal favorito se aproximam da pessoa vendada. Depois da aproximação começam uma chuva de frases com a palavra do objeto ou fato preferido. Ex.: ‘Eu comi laranja semana passada’, ‘Eu gosto do céu porque é azul’, ‘Meu cachorro se chama Oliver’ etc. Várias preferências podem ser estudadas na turma com esta experiência de arte relacional. Inclusive as preferências entre eles enquanto pessoas na sala. Afinal, alguns alunos assumem durante a performance que preferem a fruta do aluno ‘A’, mas como preferem a aluna ‘B’ assumem preferir uma fruta que não a sua. Eu imaginava que isso aconteceria, sendo assim, preparei-me para refletir a situação junto a eles e desenvolver a reflexão de que suas subjetividades estão sendo estimuladas e afetadas na relação com o outro.

A oitava aula intitulou-se como *Minha história na performance*. Como eu já havia desenvolvido uma aula sobre as definições, conceitos e breve panorama histórico da performance, resolvi acrescentar com uma aula falando sobre meu trajeto na linguagem, minhas obras e minhas influências, afinal, a próxima aula é o *Re-enactments dois*, em que eu apresentei cinco obras seguidas como performer. Como a maior influência no meu trajeto é a artista Marina Abramovic, resolvi contar com alguns detalhes as performances *A caminhada da grande Muralha*, na qual ocorreu a despedida entre Ulay e Marina, *The artist is present* em que aconteceu o reencontro com o ex-marido Ulay depois de vinte e três anos, *Ritmo 0* de 1974, *Rest Energy* de 1980, dentre outras. Contei-lhes também sobre as performances *Somos responsáveis* e *Performance dos segredos* e as criações destas obras na aula do professor Davi Giordano na disciplina de Pedagogia do Teatro III no curso de Teatro – Licenciatura na UFPel. Contei-lhes da criação do *Grupo Opinião* e sua repercussão na praça Cel. Pedro Osório e na cidade de Pelotas como um todo. Pude relatar também sobre a performance *Nosso amor está à venda*⁵ e sua grande repercussão na região sul. relatei sobre como comecei a ministrar oficinas de performance em parceria com professores da faculdade e como cheguei nessa criação de plano de ensino gerando esta pesquisa de proposta de metodologia, já que a área encontra-se ainda muito carente de propostas para trabalhar a performance na educação.

Inegavelmente a nona aula foi uma das principais do trimestre. Com a proposta de *Re-enactments dois* me propus a apresentar cinco obras seguidas. Para estimular a reflexão, distribui folhas de papel que continham um roteiro com os títulos das obras, onde os alunos deveriam escrever suas primeiras impressões para que eu pudesse articular as mesmas na pesquisa e compreender ainda mais os impactos na turma. As performances desenvolvidas foram *Treinuação* (autoria própria, 2018), *Somos responsáveis* (autoria própria, 2016), *The artist is present* (Abramovic, Nova Iorque, MoMa, junho de 2012), *The artist must be beautiful* (Abramovic, Copenhage, Dinamarca, 1975) e *Nosso amor está à venda* (autoria

⁵ *Nosso amor está à venda* é uma performance desenvolvida pelo *Grupo Opinião*, onde as performers Tiffany Schiffer e Leandra Benito, junto a mim, vestiram roupas que faziam alusão à prostituição de rua e usaram acessórios como cigarros e bebidas, posicionaram-se no centro de cidade de Arroio Grande-RS, entre as pessoas comuns daquela pequena comunidade e iniciaram práticas que denotam a oferta do corpo em troca de dinheiro.

Link do vídeo da performance *Nosso amor está à venda* em Arroio Grande: <https://www.facebook.com/opiniaogrupovideos/1023807121056656/>

própria, Arroio Grande, 2017). Entramos na sala, fiz a chamada rapidamente e nos preparamos pra começar a primeira performance ainda no local. Comecei a performance *Treinuação* escrevendo velozmente diversos números no quadro. Um fato bastante intrigante é que um vendedor chegou à porta da sala solicitando falar com o professor. Todos muito concentrados na performance e eu sob extrema concentração fez com que o vendedor ficasse fazendo repetidas perguntas na porta sem entender absolutamente nada. O vendedor então compreendeu a negligência de todos nós e partiu para a próxima sala, enquanto eu escrevia intermitentes números no quadro até acabar o espaço. Terminada a primeira performance e feitas as anotações por parte dos alunos, partimos diretamente pra quadra.

A primeira performance apresentada na quadra foi *Somos responsáveis*. Resolvi começar e terminar as performances na quadra com propostas bastante impactantes. O sentimento de agonia e nojo na turma foi geral, tanto na experiência quanto nas anotações feitas por eles. Mostraram-se espantados pela minha atuação demonstrando que estava comendo algo delicioso enquanto mastigava lixo. Algumas reações como vontade de vomitar, arrepios, susto dentre outros aparecem nas anotações. Muitos deixaram clara a sensação do estranhamento, do incomum, isso é muito produtivo relacionado às propostas das performances.

A performance seguinte foi *O artista está presente*. Nesta obra tivemos um imenso obstáculo que foi o sol das 8h da manhã no rosto. Três pessoas desenvolveram a experiência comigo. Um aluno levantou uma reflexão interessante em suas anotações de que devemos encarar nossos semelhantes, assim como nossos obstáculos. Uma aluna pôde nos trazer a reflexão de dentro da obra, falando em "nervosismo, coração palpitante e tremores", o que indica uma reação emocional na performance.

Na performance *A artista deve ser bonita, a arte deve ser bonita (The artist must be beautiful, The art must be beautiful)* todos ficaram chocados porque desmontei meus cachos do cabelo fazendo um *blackpower* bem diferente do habitual, mudando drasticamente minha aparência diante deles. Acredito que funcionou bastante para ter sido apenas uma parte do *re-enactment*, visto que esta performance costuma durar mais de dez minutos e lá eu realizei em menos de dois. Nesta obra uma aluna abrange ideias de "obsessão e manipulação" que se encaixam muito bem neste questionamento filosófico feito por Abramovic na década de 70. Outra aluna também se aproxima das ideias de "obsessão e loucura pela

própria beleza" e entra na ideia do artista narcisista. Também apareceram comentários sobre obsessão, agonia e, principalmente, sobre as regras impostas sobre os artistas e o mundo em geral, dizendo o que é esteticamente aceitável ou não.

Enfim chegamos à última e uma das mais impactantes performances do *re-enactments* dois. De minha autoria e produzida pelo *Grupo Opinião*, *Nossa amor está à venda* é uma das performances que mais causa impacto no público enquanto performance e *arte queer*. Levando em consideração o contexto de pacata cidade que não possui prostituição de rua e, posteriormente, o contexto do âmbito escolar. Após apresentar *O artista deve ser bonito*, caminhei até o fundo da quadra onde tem uma porta que dá acesso à escola Tiradentes. Ali, vesti meia arrastão, shorts, sapato alto, sutiã, blusa, joias, peruca, maquiagem e, após dois minutos e onze segundos, entrei novamente na quadra em total estado de performance como prostituta de rua. Ali estava desejando vender ações sexuais para os alunos que, deslumbrados e em alvoroço tiravam fotos e produziam diversos vídeos. A frase "anda de salto melhor que eu" foi falada mais de cinco vezes. Pedi cigarros, mas ninguém os tinha. Ofereci meu corpo e meus serviços. Muitos pareciam interessados, mas tampouco levavam a minha atitude performática como algo real. Estavam notoriamente envolvidos. Após finalizar a performance, fiz diversas fotos com a turma e respondi diversas perguntas. Notei que a aula seguinte já estava ocorrendo quando o professor de sociologia chegou à quadra procurando os alunos, sendo assim solicitei que os alunos se encaminhassem à próxima aula.

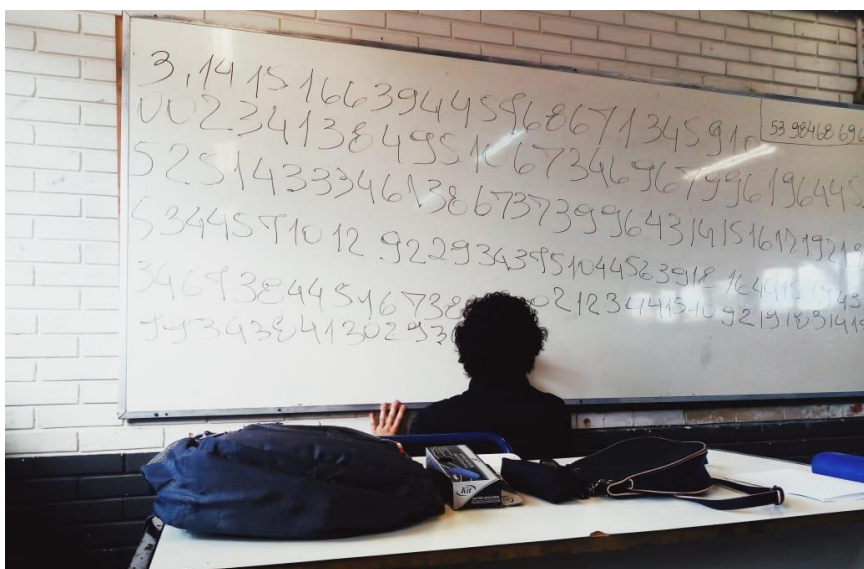


Imagem 7: Primeira performance da Aula 9 - *Re-enactments* 2 – Treinuação (FONTE: acervo pessoal)



Imagem 8: Segunda performance da Aula 9 - *Re-enactments 2 - Somos Responsáveis* (FONTE: acervo pessoal)



Imagem 9: Terceira performance da Aula 9 - *Re-enactments 2 - O artista está presente* (FONTE: acervo pessoal).



Imagem 10: Quarta performance da Aula 9 - *Re-enactments 2 - A artista deve ser bonita. A arte deve ser bonita* (FONTE: acervo pessoal)



Imagem 11: Quinta e última performance da Aula 9 - *Re-enactments 2: Nosso amor está à venda* (FONTE: acervo pessoal)



Imagem 12: Registro feito no final da aula, eu ainda vestido como travesti prostituta e algumas pessoas da turma que ficaram na quadra me fazendo diversas indagações (FONTE: acervo pessoal).

Na décima aula levei minhas reflexões construídas a partir das anotações dos alunos, apontando pra que lado reflexivo cada aluno fora. A turma se mostra interessada quando levantamos dados sobre eles dentro das dinâmicas, afinal, estou me mostrando interessado por eles. Esse interesse mútuo é uma chave principal para o engajamento da turma com as propostas, assim como, a disciplina de Artes na escola. Sendo assim, pensar o tipo de relação que vai se ter com a turma é importante no processo de construção de conhecimento, buscar as temáticas dos alunos e refletir e expor suas subjetividades na performance é um disparador na minha proposta estético-cognitiva. Depois desta conversa reflexiva com levantamento de dados, partimos para as *Construções de performance um* (em grupo ou individual). Para isso, criei um *template* de projeto de performance que contém cinco apontamentos: um tema a ser trabalhado, um objetivo estético, uma metodologia para alcançar este objetivo, os recursos a serem usados e, por fim, um título criativo para a obra. Os grupos dividiram-se e começaram suas criações, alguns necessitaram de uma orientação feita por mim, mas outros criaram sua performance em menos de dez minutos. Percebo que meus objetivos no plano de ensino já estavam, praticamente, contemplados. Os alunos mostraram-se habilidosos e sofisticados nas suas reflexões, reconheceram e compreenderam a

estética relacional enquanto espectadores/participantes e já se mostraram habilitados nas criações de performance. Penso que o único evento que falta para concretizar a criação de performance é vê-los em cena, atuando na posição de performers, afinal, até então só vi duas alunas performando. Como os períodos são muito curtos, os alunos solicitaram uma aula a mais para terminarem as combinações com colegas que faltaram, assim como acertar recursos como figurinos e objetos.

Na aula onze, conforme acertado, continuamos organizando as performances dos grupos. Algumas alunas costuravam uma roupa de orixá enquanto outros alunos faziam cartazes sobre limpeza. Eu aproveitei para organizar um roteiro como fiz na aula de *Re-enactments dois* para poder coletar informações das primeiras impressões, assim como estimular reflexão.



Imagem 13: alunas confeccionando um figurino de *Oxum*, orixá da cultura africana, para apresentar sua performance *Religião* na aula 12 (FONTE: acervo pessoal).

A aula doze foi o momento de assistir/participar de performances da turma. Porém, neste dia, poucos alunos foram à aula por causa do clima chuvoso durante a noite. Somente um grupo tinha todos seus performers para apresentar. Fomos para o espaço escolhido e contemplamos a performance *Religião* que abordava preconceitos religiosos usando imagens de orixás e santos do cristianismo juntos.



Imagem 14: alunas desenvolvendo a performance *Religião* junto à representação da orixá Oxum (FONTE: acervo pessoal).

Chegamos à aula treze, momento de receber a orientadora e assistir as performances que ainda faltavam, sendo assim, encontramos-nos ainda nas produções de performance dois. Depois dos cumprimentos básicos de sala de aula, partimos para a quadra e nos posicionamos na nossa arquibancada improvisada enquanto os desenvolvimentos performáticos iniciavam. A primeira performance foi *Confiança*, na qual as alunas criaram uma relação entre uma pessoa vendada que era guiada pela ‘confiança’ que orientava para andar nos espaços vazios e a ‘desconfiança’ que a orientava para os obstáculos. As alunas que faziam as orientadoras eram trocadas durante a performance. Depois partimos para a performance *Ranço* que, para mim, foi uma conquista da turma nesse trimestre no sentido de possibilitar diálogos necessários. Nessa performance os alunos escreviam seus incômodos pessoais de forma anônima num papel e colocavam num saco, depois os ‘ranços’ eram lidos em público. O que aconteceu é que esta performance trouxe problemas latentes dentro da sala de aula que nunca foram

debatidos ou resolvidos e, agora, estavam ali expostos, citando nomes e codinomes, características e defeitos.

Este período passou tão rápido que só deu tempo de contemplar estas duas performances, deixamos a performance *Limpeza* para outra aula, obra que aborda a falta de cuidados pelos alunos na conservação da escola. É muito perceptível que os alunos estão expondo seus problemas dentro da escola nas performances. Outras alunas criaram uma performance chamada *Amor* que aborda a falta de empatia dentro do meio escolar, porém estas alunas me solicitaram para não produzir a performance pois não estavam se sentindo à vontade para efetuar a proposta no dia.

A aula quatorze era destinada à última criação de performances dos alunos, porém, devido ao caos emocional causado pela performance *Ranço* a turma não focou em criar suas performances. Ficavam soltando piadinhas e fazendo provocações nos 'intertextos', sendo assim resolvi coletar dados sobre o fato e cancelei a última produção de performances. Considerando todos aprovados no conceito que avaliava a produção. Mesmo assim, passei para os alunos um pequeno trabalho de reflexão para ser entregue na próxima aula, trabalho no qual cada um deveria escolher uma experiência de performance e refletir sobre e entregar por escrito. Porém, a minha aula seguinte foi cancelada, sobrando, apenas, a última aula de encerramento. Então, solicitei que outras professoras recolhessem os trabalhos para eu fechar as notas. Tudo se deu com excelência e todos foram aprovados. Porém, faltava refletirmos os 'ranços'.

Na última aula (minha regência quinze) cheguei entregando as notas, a turma inteira foi aprovada (com exceção de dois alunos que só apareceram duas vezes durante o trimestre). Cada aluno levou algo para comer ou beber, apareceram diversos refrigerantes, salgadinhos, doces, dentre outros. Solicitei que colocassem na mesa grande da sala enquanto eu levantaria dados sobre os efeitos das performances na turma quando, na verdade, era nosso momento de refletir os impactos que a performance causara neles. Durante as minhas explanações sobre as impressões que tive durante as provocações na aula anterior perguntei a eles: "Por que tem tanto ódio dentro desta sala?". Reforcei a pergunta diretamente a algumas pessoas e a maioria fez expressões que me remeteram a teimosia, birra, resistência (expressões até mesmo infantilizadas). Segui minhas reflexões e perguntei para eles: "Onde vocês acham que este ódio entre os colegas poderá levá-los?", obtive a mesma reação anterior. Seguindo nas reflexões fiz minha última

indagação: "Vocês não acham que este ódio entre vocês os enfraquece enquanto grupo e os faz ficarem mais longe de seus ideais dentro da escola?". Enfim, recebi diversas respostas, os alunos da performance *Limpeza* (que acabou não sendo desenvolvida devido às bruscas mudanças no calendário) disseram que era o momento de solicitar mais serviços da parte institucional e melhores hábitos dos alunos, falaram também sobre problemas na merenda, falaram sobre opressões que ocorrem por parte de alguns professores até que, então surgiram as palavras 'grêmio estudantil' durante o instigante e reflexivo debate. Solicitei que déssemos um abraço em grupo e iniciamos uma confraternização aparentemente alegre e festiva.

A maior parte da experiência foi fotografada e parcialmente filmada tendo seus produtos postados na plataforma *YouTube*⁶. Os alunos disponibilizaram autorizações de uso de imagem, afinal esta experiência é meu objeto de análise na pesquisa de TCC. Todas as performances realizadas estão na plataforma e as fotos foram postadas e re-postadas em diversas outras redes. Duas alunas sempre faziam questão de produzir excelentes fotografias utilizando recursos de edição, depois me mandavam para que eu postasse em meu *Instagram* e *Facebook*. Assim os alunos comentavam e compartilhavam impressões fazendo com que a experiência também dialogasse com outras realidades por meio das tecnologias de informação e comunicação.

⁶ Performance dos Segredos: <https://www.youtube.com/watch?v=VvKUCfg6qNg>

Performance das Felicidade: <https://www.youtube.com/watch?v=seAXILae8YM>

Performance dos Medos: <https://www.youtube.com/watch?v=hzo8zY-y3Q>

Performance Treinuação: <https://www.youtube.com/watch?v=5jYMs9NpTHw>

Re-enactment Somos Responsáveis: <https://www.youtube.com/watch?v=plCFUguAG8I>

Re-enactment The artist is present: <https://www.youtube.com/watch?v=Dh3SEcpDmjk>

Re-enactment A arte deve ser bonita, a artista deve ser bonita: <https://www.youtube.com/watch?v=1mvARrkn2Y>

Re-enactment Nosso amor está à venda: <https://www.youtube.com/watch?v=4uiQkn1UY8k>

4. Minhas reflexões e propostas

Quanto mais eu estudo, pesquiso e pratico a arte da performance, mais eu percebo seu enorme potencial de nos aventurar nas diversas possibilidades de sair do que é comum no meio de produção artística e na vida cotidiana. Trabalhar a arte como vida e a vida como arte, para mim, tem um poder de transformação imensurável. Esta experiência de criar o *Plano de Ensino Opinião*, colocar em prática com os alunos do *Sylvia Mello* e, ainda poder refletir tudo como pesquisa, é um processo absolutamente aventureiro tanto da minha parte quanto da parte dos alunos. Conforme Abramovic nos cita: “a arte da performance é uma arte feita de verdade, vulnerabilidade e conexão” (ABRAMOVIC, 2015) e isto é visível nos relatos desta experiência, onde o material de produção artística é aquilo que se qualifica como os próprios contextos da turma.

Minha proposta é um plano de ensino base que sirva como orientação para a criação de outros planejamentos, objetivando sempre a triangulação *produzir, receber e refletir* a arte da performance buscando as temáticas das obras diretamente na turma, para que a arte produzida tenha impacto direto na realidade dos alunos e nos seus meios.

Na primeira aula deste plano, o estagiário, artista, professor-oficineiro busca temáticas nos alunos por meio de questionamentos, permitindo que eles se conhecessem melhor, tanto em uma dimensão pessoal como também coletiva. Já aproveitei para coletar temas pertinentes à turma e procurar entender melhor cada contexto. Este jogo já aproxima a turma e ganha reforço com as próximas aulas com aquecimentos e jogos de integração de elenco. Na sequência já vem um *re-enactment* de arte relacional trabalhando segredos, subjetividades, formando uma teia retórica de curiosidade e ansiedade. Neste ponto da experiência temos uma turma aproximada entre si e com o professor. Só então, temos uma aula expositiva em que se trabalha a grande questão: afinal, ‘o que é performance?’, famosa frase no mundo da performance, originalmente em inglês ‘what is performance?’. Depois dessa experiência, o professor propõe uma performance em grupo com toda a turma, geralmente a turma criará baseando-se na *Performance dos Segredos*, e isso é ótimo, pois este estilo de performance aproxima as subjetividades das pessoas envolvidas. Depois de desenvolver a performance da turma na prática, o professor pode propor uma aula que reflita esta performance fazendo conexões com sua

própria história com a performance, principalmente suas influências e pesquisas, pois hoje em dia existem muitos grupos de performance, performers individuais, coletivos, filmes, institutos, dentre muitos outros.

A partir disso, há possibilidade de o professor desenvolver amplo material performático com seus alunos. Eu levei minhas performances e *re-enactments*, porém o professor pode criar uma performance conforme as demandas e os temas já levantados nos jogos e reflexões. Por isso é importante a dedicação à escrita das observações, uma vez que esta experiência foi desenvolvida com um processo de reflexão bem complexo da minha parte. Depois desses *re-enactments* ou performances recriadas, há um momento em que se pode aproveitar para falar das reflexões e primeiras impressões que coletou dos alunos. Além disso, é possível começar as criações de performance em grupos, criando-se um momento de assistir os colegas, produzir performances, entender o evento performático, a ética artística e assistencial. Depois de refletir todas as temáticas, protestos e provocações da turma, é interessante recolher as reflexões por escrito e propor uma aula reflexiva sobre o material estético-cognitivo das obras performáticas. Refletindo os conteúdos artísticos, assim como, os conteúdos pessoais, afinal o que proponho é arte como vida, vida como arte, educação como vida e educação como arte.

Meu planejamento não ocorreu exatamente conforme o cronograma, o que acredito que é natural do processo pedagógico, afinal estamos lidando com uma escola que depende de dezenas ou centenas de profissionais para funcionar. Para mim, as dificuldades podem ser vistas 'como performance', como mencionado no primeiro capítulo desta monografia. A performance está em tudo, em tudo que é vivo. Por isso refleti que três blocos de aquecimentos, *re-enactments*, produção e reflexão não funcionaria devido ao tempo disponível. O trimestre escolar que tive para trabalhar havia sido encurtado em sua carga horária. Portanto, não havendo tempo para desenvolver uma terceira produção de performances, o professor pode pensar em dois blocos: uma produção da turma inteira e outra em grupos menores, avaliando a participação direta nas produções, mantendo as reflexões por escrito (estimular a escrita provoca uma reflexão mais sofisticada e com mais propriedades) e por fim, avaliar a participação como um todo.

Enfim, a partir das minhas elaborações e experiências no meu estágio com arte da performance, creio haver caminhos para um plano base com o trabalho com performance na educação:

1. Aula 'Quem é você? O que você quer?';
2. Aquecimentos e jogos de integração de elenco;
3. Aquecimentos performáticos;
4. *Re-enactment Performance dos Segredos*;
5. 'What is performance?';
6. Produção de performance da turma toda;
7. Reflexão da performance da turma conectando com o percurso do professor;
8. *Re-enactments* ou performances desenvolvidas pelo professor;
9. Reflexões sobre os *re-enactments* e começo das criações de performance em pequenos grupos;
10. Seguintes de criações de performance em pequenos grupos;
11. Produções de performances dos alunos I;
12. Produção de performances dos alunos II;
13. Produção de performances dos alunos III;
14. Reflexão de performances dos alunos;
15. Desenvolvimento de performance ritualística;
16. Criação de performance da turma relacionando-se com os outros do ambiente escolar;
17. Reflexão sobre a última performance e sobre o trimestre;
18. Encerramento;
19. Em aberto.
20. Em aberto

Neste novo planejamento entram as ideias de performance ritualística e vanguardista que não consegui trabalhar na minha experiência na escola. Com a experiência baseada nas técnicas e performances de pintura de Jackson Pollock, o que produz, além da experiência, um objeto artístico que pode ser fruído pela turma. Deixo uma aula em aberto no cronograma e uma para o encerramento porque, em minha opinião, no planejamento é melhor ter uma ou duas aulas em aberto e adaptar conforme as demandas do que planejar algo que necessita de muito mais tempo do que as aulas previstas e acabar não tendo como fazê-lo. Sendo assim, é sempre interessante ter um plano de aula coringa, assim como fiz da *Performance*

dos Preferidos, aproveitando os espaços livres para criar performances conforme as demandas e temáticas da realidade dos alunos.

Penso que é importante que nós, desenvolvedores de arte-educação, aproveitemos as tecnologias de informação e comunicação para melhor desenvolvermos a experiência. Expor vídeos em plataformas digitais fazendo com que os alunos compartilhem e comentem faz com que eles se sintam mais próximos da experiência, adquirindo diversos outros pontos de vista e também compartilhando a experiência e os conteúdos com seus amigos e familiares, articulando ideias online possibilitando que sejam não só alunos enquanto artistas, mas também espectadores entre si.

Nesta experiência pode-se refletir sobre as possibilidades da arte relacional dentro da escola. Entrelaçando a arte e a vida os alunos se conhecem muito mais e durante os primeiros processos relacionais a turma vai se entregando à arte da performance e se dispondo mais para a experiência com o desenvolvedor. É divertido, pois a primeira proposta de *re-enactment* aqui desenvolvida envolve segredos anônimos, todos ficam curiosos e ansiosos por mais e mais. Conforme os alunos vão conhecendo essa estrutura de criar performance como jogo estando na condição de participantes ativos, acabam interessando-se por expor suas temáticas cada vez mais e, então, surge uma performance coletiva da turma. Pode ser que seja nesse formato da *Performance dos Segredos*, mas também pode ser outra proposta muito diferente. O importante aqui é, em todo o trimestre, é buscar temáticas nos alunos o tempo inteiro, a partir de seu contexto histórico e político-social e seu patrimônio cultural. Aproveitar da realidade do aluno para ensinar a linguagem da performance dentro da aula de Artes é transformador. Permite obter resultados artísticos no desenvolvimento estético cognitivo dos alunos que trabalham a expressividade, a improvisação, a interpretação, a dramatização, salientando a criatividade a concentração (que estão intrínsecas em todo processo cênico). Além disso, esta proposta permite diversos diálogos entre os alunos: relacionados à escola, aos professores e, principalmente, entre si.

Nas últimas décadas as mudanças no comportamento humano foram muitas, estamos sendo convocados ao mundo contemporâneo, veloz, digital, cheio de possibilidades. Quando levamos novas propostas para a escola estamos estimulando remodelagens nos modelos vigentes, troca de presença e de afetos que estão cada vez mais danificadas no nosso tempo, e uma proveitosa diluição de

fronteiras entre a vida e a arte. Os alunos reconhecem a capacidade de transformação que a performance tem, a oportunidade de se expressarem de forma autêntica sem esconderem-se atrás de um personagem. Há um notório aprimoramento das capacidades crítico-reflexivas durante este processo. Conforme os alunos são estimulados a refletir sempre a cada experiência de que participam, suas habilidades reflexivas vão criando propriedades e ficando mais sofisticadas em relação à estrutura da performance, objetivos, temáticas, dentre outros.

Se há uma coisa que aprendi como performer é que a performance não traz respostas óbvias, tampouco temos controle sobre nossos participantes. Assim como a performance aposta nos questionamentos, eu apostei também como professor. Procurei questionar os alunos o tempo inteiro sobre si mesmos, sobre a escola, sobre as performances, sobre suas opiniões. Percebo agora que isso me aproximou dos alunos, afinal, mostrei-me interessado o tempo inteiro e eles se sentiram ouvidos e, além disso, gerei reflexões, captei temáticas e, por fim, espero ter aproximado mais a turma e ter dissolvido um pouco da tensão e estresse que ali apareceram. Notoriamente a turma carrega um acúmulo relacionado a descasos institucionais devido à nossa situação da atual educação estadual e brasileira. Há uma sobrecarga sobre alunos, professores e gestão. O sistema todo se demonstra enfraquecido e isso se reflete nos alunos, que não têm muitos meios de se expressarem.

Os *re-enactments* como práticas pedagógicas contemplam de forma coesa a triangulação, a formação de espectadores e participantes de performance como grupo. Nos *re-enactments* do *Grupo Opinião* eu aproveitei para adentrar profundamente na linguagem com eles, usando performances viscerais, escatológicas, provocativas... Ali pude trabalhar a relação de *cena-não-cena*, fruir lucidez exposta, produção de evento de alto desempenho que estimule as criações deles dentre outros fatores específicos conquistados como diversas opiniões, reflexões e emoções.

O *template* de criação de performance que criei fez com que os alunos compreendessem a produção de uma obra nesta linguagem, o que acredito permitir que muitos alunos possam levar consigo como habilidade de criar outras diversas performances, sempre partindo de uma temática e um, ou mais, objetivos. Com estes exercícios de criações de performances o professor também está estimulando os seus alunos a reconhecerem características de seus contextos. Conforme a

turma vai reconhecendo essas características de sua realidade ela vai tomando um posicionamento, muitas vezes nunca pensado, afinal é um pensamento limitado acreditar que nos tempos atuais os jovens encontram-se carentes de pensamentos de posicionamento crítico-reflexivo.

Reflito ser importante que o professor levante dados a partir da turma e leve de volta estes dados a eles com um posicionamento reflexivo e questionador. Assim, o professor mostra-se interessado na turma e no processo, fazendo com que os alunos fiquem interessados tanto na proposta do professor como também no processo artístico-pedagógico. Na medida em que os andamentos das atividades são agradáveis e descontraídos, aliados com ética, todo o processo em si acaba tornando-se mais proveitoso.

Estas são as propostas e reflexões de um artista completamente apaixonado pela arte da performance que acreditou na possibilidade de criar um Plano de Ensino inteiramente com esta linguagem que pudesse trabalhar a triangulação, os conteúdos de teatro, a vida e a arte de cada aluno, beneficiando-se desta linguagem tão humana e vulnerável gerando sempre autonomia, opinião, autoria e processo criativo.

Considerações Finais

Meu objetivo com este trabalho foi trazer o relato de minha experiência de estágio com arte da performance na escola, não só pra satisfazer minha necessidade de confirmar essa possibilidade, mas também para lançar propostas e, até mesmo, encorajamento para que outros professores de artes criem suas próprias experiências com performance e também acreditem na riqueza desta possibilidade. Para isso, vali-me das principais diretrizes e bases da educação brasileira, assim como autores de arte contemporânea e experimentei e refleti práticas com minha turma de *Estágio II* no Ensino Médio, utilizando o relato da experiência como objeto de análise e estudo.

Ao criar o *Plano de Ensino Opinião* e todas suas estruturas intuitivas; ao desenvolver a experiência na escola, moldando conforme as demandas do calendário; ao analisar a experiência enquanto pesquisa; ao me aprofundar na pesquisa nas fontes da educação e das artes; e ao relacionar todas essas informações, considero que consegui cumprir satisfatoriamente os objetivos que propus na introdução deste trabalho.

Desenvolver esta escrita não foi maçante em nenhum momento para mim. Acredito ter encontrado uma área da qual tenho alto grau de interesse na pesquisa. Também acredito ter descoberto uma grande afinidade pelo processo criativo de escrita e de pesquisa. Creio que a leitura deste texto poderá ser muito enriquecedora para pessoas que se interessam em trabalhar com performance na educação, assim como, pessoas que se interessam em propostas, métodos e práticas pedagógicas.

Acredito que, neste trabalho, consigo apresentar bem o tema da arte da performance e suas possibilidades na educação com ótimos relatos, imagens e exemplos de como é possível este trabalho dentro da escola. Penso também que, por meio desses registros, é possível perceber o envolvimento da turma na aula de Artes.

Desenvolver este trabalho foi muito importante pra mim, pois eu pesquiso a arte da performance desde 2015 e as possibilidades da performance na educação desde 2016. Reflito como satisfatória a experiência de *Estágio II* e sua posterior produção de escrita em forma de Trabalho de Conclusão de Curso. Sou muito satisfeito com o tema que abordo, visto que é algo que me identifico fortemente.

Pretendo não parar neste trabalho a pesquisa com performance. Almejo seguir pesquisando as práticas com essa linguagem no mestrado visando aprimorar ainda mais, tanto minha metodologia autoral, como a pesquisa com a arte da performance aliada à educação.

Referências

ABRAMOVIC, Marina. **Uma arte feita de verdade, vulnerabilidade e conexão.** Disponível em:

https://www.ted.com/talks/marina_abramovic_an_art_made_of_trust_vulnerability_and_connection/transcript?language=pt-br#t-148040 Acesso em: 24 jul. 2018.

ALICE, Tania. **“Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas: a performance como (r)evolução dos afetos”.** 2013.

ARTE E A LEI DE DIRETRIZES E BASES. Disponível em <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/arte-e-a-lei-de-diretrizes-e-bases/36090>> Acesso em 05 mai. 2018.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, DF, dez 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: Parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologia.** Brasília, 2000.

BRASIL. Secretaria da Educação Básica. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens Códigos e suas tecnologias.** Brasília, 2006.

FABIÃO, Eleonora. **“Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea”.** Sala Preta, vol 8, 2009, p 235 - 246.

GIORDANO, Davi. **“Educação, Arte e Performance: performando o corpo da juventude na cidade”.** eRevistaPerformatus, Inhumas, n. 1, 2015. ISSN: 2447-0694.

GIORDANO, Davi. **“Manifesto das Performances em Espaços Virtuais: Facebook, WhatsApp e Novas Possibilidades de Afetosa ‘Online’”**. eRevista Performatus, Inhumas, ano 6, n. 19, jan. 2018. ISSN: 2316-8102.

PERFORMANCE. *Disponível em:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Performance>
Acesso em: 05 mai. 2018.

SCHECHNER, Richard. **“O que é performance”**, em Performance studies: an introduction, seconde edition. New York & London: Routledge, 2006, p. 28-51.

SEDUC/RS. **“Referencial Curricular “Lições do Rio Grande” – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Artes e Educação física, Volume II”**. Porto Alegre, 2009.

Apêndices

APÊNDICE A – Template de projeto de criação de performance

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFª SYLVIA MELLO

Estado do Rio Grande do Sul

Pelotas-RS

“Nenhum obstáculo é tão grande se sua vontade de vencer for maior!”

Nome(s): _____ Turma: _____ Data: __/__/__

Professor: _____ Disciplina: _____ Trimestre: _____

Projeto de performance em grupo ou individual.

Título criativo (por último):

Tema (escolha uma temática a ser abordada em sua performance):

Objetivos (o que você(s) quer com esta performance?):

Metodologia (como irão chegar aos seus objetivos por meio da performance?):

Materiais utilizados: (objetos, figurinos, instrumentos, maquiagens etc.)

Good ART,
performatores!

AC

APÊNDICE B – Roteiro para anotações *Re-enactments* 2

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFª SYLVIA MELLO

Estado do Rio Grande do Sul

Pelotas-RS

“Nenhum obstáculo é tão grande se sua vontade de vencer for maior!”

Nome(s): _____ Turma: _____ Data: __/__/__

Professor: _____ Disciplina: _____ Trimestre: _____

Anotações das performances:

(Primeiras impressões, reações, percepções, emoções, idéias, lembranças, opiniões, protestos, admirações, sustos, vontades, desejos etc.)

1. TREINUCAÇÃO:

2. SOMOS RESPONSÁVEIS:

3. O ARTISTA ESTÁ PRESENTE:

4. O ARTISTA DEVE SER BONITO – A ARTE DEVE SER BONITA:

5. NOSSO AMOR ESTÁ À VENDA:

Boa reflexão,
performatores!

AC

APÊNDICE C – Anotações das performances realizadas pelos alunos

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFª SYLVIA MELLO

Estado do Rio Grande do Sul

Pelotas-RS

“Acredite Nenhum obstáculo é tão grande se sua vontade de vencer for maior!”

Nome: _____ Turma: _____ Data: __/__/__

Professor: _____ Disciplina: _____ Trimestre: _____

Anotações das performances:

(Primeiras impressões, reações, percepções, emoções, idéias, lembranças, opiniões, protestos, admirações, sustos, vontades, desejos etc.)

1. **RELIGIÃO:** (Thais, Paola, Caroline, Karine e Ariane – Performance já apresentada)
2. **LIMPEZA:** (Guilherme, Guilherme Dias, Kaled, Alessandro)
3. **AMOR:** (Jhulia, Joice, Vitoria Melo)
4. **RANÇO:** (João Pedro, Vitória Beatriz, Luiza, Talison e Ruan)
5. **ACEITAÇÃO FAMILIAR:** (Brenda, Kethelin, Ana Paula e Luis Fernando)
6. **IMATURIDADE:** (Maria Vitória e Amanda)
7. **CONFIANÇA:** (Vanise, Agnes, Rayssa e Marta)

AC

APÊNDICE D – Trabalho reflexivo de arte da performance

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROF^a SYLVIA MELLO

Estado do Rio Grande do Sul

Pelotas-RS

“Nenhum obstáculo é tão grande se sua vontade de vencer for maior!”

Nome(s): _____ Turma: _____ Data: ____ / ____ / ____

Professor: _____ Disciplina: _____ Trimestre: _____

Trabalho reflexivo de arte da performance

Escolher uma performance desenvolvida durante o trimestre e escrever uma reflexão sobre. Poderão ser abordadas especificidades da performance como o tema, estética, objetivos, metodologia, desempenho, concentração, figurino, maquiagem etc., tal qual as impressões pessoais como reações, percepções, emoções, ideias, lembranças, opiniões, protestos, admirações, sustos, vontades, desejos, etc..

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.